



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – CAMPUS V  
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

**JOÃO MARCELO VIEIRA SANTOS**

**CLUB DE REGATAS VASCO DA GAMA E SUA LUTA CONTRA A  
DISCRIMINAÇÃO RACIAL E SOCIAL NO ESPORTE NOS ANOS DE 1915 A 1927.**

**SANTO ANTÔNIO DE JESUS – BAHIA**

**2025**

**JOÃO MARCELO VIEIRA SANTOS**

**CLUB DE REGATAS VASCO DA GAMA E SUA LUTA CONTRA A  
DISCRIMINAÇÃO RACIAL E SOCIAL NO ESPORTE NOS ANOS DE 1915 A 1927.**

Apresentado monografia ao curso de Licenciatura em História do Departamento de Ciências Humanas da Universidade Estadual da Bahia (UNEB) - Campus V como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em História.

Orientador: Dr. Hamilton Rodrigues dos Santos

**SANTO ANTÔNIO DE JESUS – BAHIA**

**2025**

## FOLHA DE APROVAÇÃO

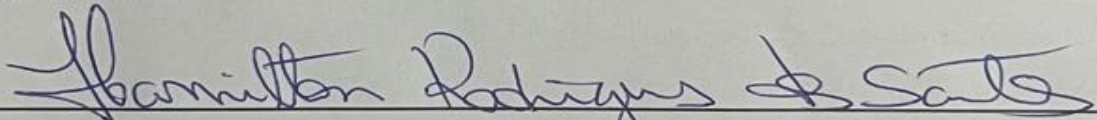
JOÃO MARCELO VIEIRA SANTOS

**CLUB DE REGATAS VASCO DA GAMA E SUA LUTA CONTRA A DISCRIMINAÇÃO RACIAL E SOCIAL NO ESPORTE NOS ANOS DE 1915 A 1927.**

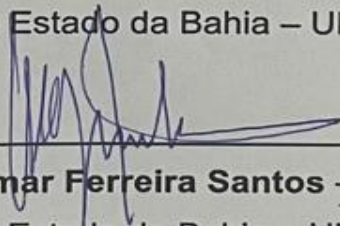
Trabalho de conclusão de curso (TCC) apresentado à Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Departamento de Ciências Humanas – Campus V, como requisito parcial à conclusão do Curso de Licenciatura em História.

Aprovado em: 18 de dezembro de 2025.

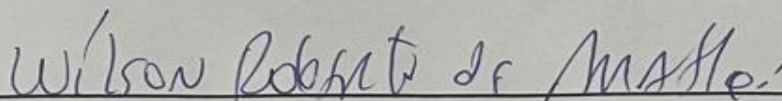
Banca Examinadora:



**Prof. Dr. Hamilton Rodrigues dos Santos** – Orientador  
Universidade do Estado da Bahia – UNEB (Campus V)



**Prof. Dr. Edmar Ferreira Santos** – Examinador  
Universidade do Estado da Bahia – UNEB (Campus V)



**Prof. Dr. Wilson Roberto de Mattos** – Examinador  
Universidade do Estado da Bahia – UNEB (Campus V)

**SANTO ANTÔNIO DE JESUS – BAHIA**

**2025**

## **AGRADECIMENTOS**

Gostaria de dedicar este trabalho, em primeiro lugar, a Deus, por me fortalecer ao longo desses quatro anos de faculdade, que não foram nada fáceis, com muitas idas e vindas. Aos meus pais, minha mãe já falecida, Marizete da Conceição Vieira Santos, ao meu pai Antônio de Jesus Santos, dois trabalhadores incansáveis que, mesmo sem terem concluído os estudos, sempre acreditaram no poder da educação e nunca mediram esforços para que eu pudesse trilhar esse caminho, amo muito vocês. Aos meus professores, que iluminaram minha trajetória acadêmica, sou grato pelos ensinamentos, incentivos e por acreditarem em meu potencial. Em especial, a meu orientador, Hamilton Rodrigues dos Santos, pelo apoio, paciência e incentivo durante toda a realização deste trabalho. Suas orientações foram fundamentais para que eu pudesse desenvolver minhas ideias e concluir esta etapa da minha vida acadêmica.

Agradeço também à minha grande amiga Adrielly Quadro, que sempre me incentivou a cursar o ensino superior e acreditar no meu potencial, sem ela, talvez eu nunca tivesse dado esse primeiro passo tão importante. Minha gratidão também vai para Alecia Oliveira e Andressa Ferreira, que abriram minha mente em relação ao curso de História e me mostraram um caminho que eu ainda nem imaginava percorrer, vocês foram fundamentais para escolha desse curso. Sou profundamente grato às amigas que a UNEB me proporcionou nesta caminhada que me sustentaram e deram coragem para eu seguir, são amigas que vou levar para vida inteira: José Raimundo, Kesia Moreno, Milena Santos, Vanessa Ribeiro. Meu muito obrigado! Vocês foram meu apoio, minha companhia e minha alegria em momentos de dificuldades, e não consigo imaginar ter chegado até aqui sem vocês.

Quero fazer um agradecimento especial para Jailson Brito e Pirulito (Robert Augusto), que também conheci na UNEB e que foram grandes incentivadores e me ajudaram a seguir com este tema de pesquisa com foco e determinação. Aos meus colegas de sala que me acolheram e foram fundamentais no meu desenvolvimento, com eles, aprendi, cresci e enfrentei desafios que tornaram essa fase especial. Não posso deixar de agradecer aos meus amigos de vida: Benício Oliveira, Danusa Mirely, Fellipe Magalhães (Lima), Filipe Lopes, Hamilton Júnior, Irlen Micielly, Jorge Neto, Leidjane Nery, Luciele Alves, Magno Mota, Márcio Ruan, Mateus Brito, Maria Beatriz, Maria Grazielle, Pedro Lisboa, Renata Lopes e à minha irmã, Manuela Vieira

e a toda minha família, exemplos de força, apoio e resiliência, que sempre estiveram presentes durante todo esse processo e que com muito amor e dedicação, cuidou de mim e me acompanhou em cada etapa e me inspiraram ao longo dessa jornada, gratidão. Aos meus colegas de trabalho: Ana Rita, Emerson Fonseca e Kátia Raimunda que me ajudaram muito no meu desenvolvimento pessoal e me incentivaram a seguir em frente.

Agradeço fortemente às minhas psicólogas, Letícia Santos e Jéssica que estiveram ao meu lado no momento mais difícil da minha vida. Com paciência, afeto, dedicação e amor, vocês me ajudaram a compreender meus limites, minhas emoções e seguir minha caminhada. A todos que de alguma forma contribuíram para que este sonho se tornasse realidade, deixo meu mais sincero e profundo agradecimento. Cada um de vocês esteve ao meu lado com carinho, compreensão e apoio incondicional, e isso fez toda a diferença nesta trajetória. Cada gesto, palavra e incentivo fizeram deste percurso uma experiência única e inesquecível. Minha gratidão é eterna. Obrigado meu Deus por tudo!

Esta conquista é de vocês. Com orgulho, hoje vocês formam um historiador.

“Às vezes a felicidade demora a chegar / Aí é que a gente não pode deixar de sonhar / Guerreiro não foge da luta, não pode correr / Ninguém vai poder atrasar quem nasceu pra vencer / É dia de Sol / Mas o tempo pode fechar / A chuva só vem / Quando tem que molhar / Na vida é preciso aprender / Se colhe o bem que plantar / É Deus quem aponta / A estrela que tem que brilhar / Erga essa cabeça, mete o pé e vai na fé / Manda essa tristeza embora / Manda essa tristeza embora / Basta acreditar que um novo dia vai raiar / Sua hora vai chegar!”

Tá escrito - Carlinhos Madureira / Xande de Pilares / Gilson Bernini. Lançada em 2009 no álbum “Ao Vivo no Morro”, Interpretada pelo Grupo Revelação.

## RESUMO

Essa pesquisa busca investigar de que forma o Club de Regatas Vasco da Gama construiu sua imagem na luta contra a discriminação social e racial, tendo como foco a carta conhecida como "Resposta Histórica" de 1924, considerada um marco na história do clube e sendo fundamental na batalha contra o preconceito e a segregação no cenário esportivo brasileiro. A análise começa no período após a abolição da escravatura de 1888 e na chegada do esporte no Brasil, quando práticas como remo e futebol eram mais voltadas para as elites. Criado em 1898, o Vasco se destacou ao quebrar padrões, admitindo que atletas negros, mestiços e de origem humilde participassem do seu time, encarando o racismo que era forte tanto no esporte quanto na sociedade daquele tempo. A carta enviada à Associação Metropolitana de Esportes Atléticos (AMEA), simbolizou uma atitude revolucionária do clube contra a rejeição de jogadores negros e pobres do seu time campeão de 1923. Esse comportamento estabeleceu busca de igualdade e de inclusão social para todos. Além de reforçar a luta do Vasco contra práticas discriminatórias, essa conduta incentivou outros clubes e ajudou a criar um ambiente para que o futebol brasileiro se tornasse mais justo e acessível para todos.

**Palavras-chave:** Vasco da Gama; luta; elites; racismo; jogadores.

## **ABSTRACT**

This research seeks to investigate how Club de Regatas Vasco da Gama built its image in the fight against social and racial discrimination, focusing on the letter known as the "Historical Response" of 1924, considered a landmark in the club's history and fundamental in the battle against prejudice and segregation in the Brazilian sports scene. The analysis begins in the period after the abolition of slavery in 1888 and the arrival of sports in Brazil, when practices such as rowing and football were more geared towards the elites. Created in 1898, Vasco stood out by breaking patterns, admitting black, mixed-race, and humble athletes to participate in its team, confronting the racism that was strong both in sports and in society at that time. The letter sent to the Metropolitan Association of Athletic Sports (AMEA) symbolized a revolutionary attitude of the club against the rejection of black and poor players from its 1923 championship team. This behavior established a search for equality and social inclusion for all. In addition to reinforcing Vasco's fight against discriminatory practices, this conduct encouraged other clubs and helped create an environment for Brazilian football to become fairer and more accessible to all.

**Keywords:** Vasco da Gama; fight; elites; racism; players.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1:</b> Os primeiros escudos.....	19
<b>Figura 2:</b> Primeiro uniforme do time de futebol do Vasco.....	20
<b>Figura 3:</b> Cruz de Cristo, Malta e Pátea.....	21
<b>Figura 4:</b> Recorte do jornal “O Brasil”.....	23
<b>Figura 5:</b> Recorte do jornal “Theatro e Sport”.....	26
<b>Figura 6:</b> Clube Literário.....	38
<b>Figura 7:</b> Recorte do jornal “O clarim d’ Alvorada”.....	40
<b>Figura 8:</b> Carta “A Resposta Histórica”.....	43
<b>Figura 9:</b> Imagem dos Campeões cariocas de 1923.....	47
<b>Figura 10:</b> Imagem de uma charge Vasco x clubes da série A.....	48
<b>Figura 11:</b> Estádio de São Januário.....	51

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>09</b>
<b>1 A FUNDAÇÃO DO CLUB DE REGATAS VASCO DA GAMA.....</b>	<b>15</b>
1.1 Identidade do clube.....	17
1.2 Os atos racistas se manifestam.....	21
<b>2 A DISCRIMINAÇÃO RACIAL E SOCIAL DAS ELITES NO BRASIL.....</b>	<b>28</b>
2.1 A luta contra o racismo e o pioneirismo na inclusão de negros no futebol. .....	32
2.2 O Vasco e os primeiros movimentos antirracista.....	36
<b>3 A RESPOSTA HISTÓRICA.....</b>	<b>42</b>
3.2 Estádio de São Januário.....	50
3.2 Vasco da Gama: Valores, inclusão e igualdade.....	52
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>55</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>57</b>

## INTRODUÇÃO

Com a chegada do esporte no Brasil no final do século XIX e início do século XX, trazido inicialmente por imigrantes europeus, o esporte começava a se desenvolver com destaque no remo, o futebol, e o turfe. O remo foi à primeira prática esportiva a se destacar no país, em 1851 foi fundada a primeira associação esportiva, e recebeu o nome de Clube de Regatas do Rio de Janeiro. As competições náuticas estavam se popularizando muito rápido entre a elite carioca naquela época. O futebol desde sua chegada se tornou um fenômeno no Brasil, e foi inserido por Charles Miller no ano de 1894, considerado o pai do futebol brasileiro, após ele retornar da Inglaterra com duas bolas de futebol que ganhou de presente de um companheiro no time de Southampton, manteve o desejo de popularizar o esporte no país. Em 1895, foi realizada a primeira partida oficial de futebol no Brasil, sendo disputada por jogadores ingleses que moravam na cidade de São Paulo (Guterman, 2009).

Ao analisar a obra do historiador Eric Hobsbawm que apresenta o surgimento e a expansão do futebol no contexto do crescimento dos Estados-nação em seu livro *The Age of Empire: 1875-1914*. Hobsbawm trata do futebol como parte do desenvolvimento da cultura de massas e da formação das identidades nacionais, especialmente no fim do século XIX e início do século XX. É fundamental para entender como o futebol surgiu e se desenvolveu no mundo moderno, especialmente como parte das chamadas “tradições inventadas”. O futebol foi institucionalizado no século XIX com regras padronizadas, clubes, campeonatos, especialmente nas escolas inglesas e no ambiente da classe trabalhadora urbana. Hobsbawm (1987) afirma que:

Pelo contrário, descobriram e preencheram um vazio deixado pelo racionalismo político da era liberal, pela nova necessidade de se dirigir às massas e pela transformação dessas próprias massas. Nesse sentido, a invenção de tradições correu paralelamente à descoberta comercial do mercado de massa e do espetáculo e entretenimento de massa, que pertence às mesmas décadas (Hobsbawm, 1987, p. 105-106, tradução nossa).<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> They rather discovered and filled a void left by the political rationalism of the liberal era, by the new need to address the masses and by the transformation of these masses themselves. In this respect

O futebol foi oficializado no século XIX com novas regras, padronização dos uniformes, surgimento de clubes, campeonatos. Esse esporte marcou o início de atividades esportivas no Brasil, especialmente nas grandes metrópoles como Rio de Janeiro e São Paulo. Com o crescimento das cidades, outros esportes também se desenvolveram nesse cenário esportivo como o vôlei, basquete e atletismo. É fundamental analisar que as práticas esportivas no país foram limitadas e fortemente influenciadas por questões sociais, econômicas, raciais e discriminatórias. Desse modo, apenas determinadas camadas da sociedade tinham acesso ao esporte de forma direta naquela época. Nesse contexto, “o futebol é a luta da raça, é a afirmação do povo” (Rodrigues, 1993, p. 115).

O esporte é o palco onde brasileiros de diferentes classes e origens encontram um espaço de expressão comum. Nele, o povo se afirma ao exibir sua paixão, sua capacidade de improviso e seu talento, desafiando desigualdades e preconceitos. O povo brasileiro demonstra sua força e resiliência, dessa forma, o futebol se torna uma metáfora para a luta diária por reconhecimento, respeito e igualdade. Reflexo do desejo de superação e de inclusão social, tornando meio de resistência e símbolo de luta contra as injustiças sociais de uma época marcada por exclusão e preconceito. Marcos Guterman (2009) destaca:

O futebol é o maior fenômeno social do Brasil. Representa a identidade nacional e também consegue dar significado aos desejos de potência da maioria absoluta dos brasileiros. Essa relação, de tão forte, é vista como parte da própria natureza do país... (Guterman, 2009, p. 8)

No início do século XX, as classes trabalhadoras e as pessoas de baixa renda tinham pouco acesso aos esportes organizados. O esporte era visto como uma atividade elitista. Inicialmente, os clubes eram reservados para pessoas brancas e que faziam parte das elites. Assim, esportistas negros, mestiços e operários enfrentaram resistência e discriminação. Em 21 de agosto de 1898 é fundado o Club de Regatas Vasco da Gama na cidade do Rio de Janeiro, surgia no esporte, uma instituição Luso-brasileira. Dessa forma, a instituição adquiriu muitos traços portugueses, o preto na camisa são os mares desconhecidos e a faixa branca é a rota descoberta pelo almirante Vasco da Gama, que foi um navegador português que

---

the invention of traditions ran parallel to the commercial discovery of the mass market and of mass spectacle and entertainment, which belongs to the same decades.

comandou a primeira expedição oficial marítima da Europa até chegar à Índia (1497–1499). Os primeiros atletas eram homens simples, que trabalhavam no comércio na cidade do Rio de Janeiro, e eram compostos por alguns imigrantes portugueses. Era evidente a exclusão de algumas camadas sociais no ambiente esportivos como negros, afrodescendentes, indígenas e pessoas de baixa renda.

Discutir a questão da desigualdade social e racial na história do Club de Regatas Vasco da Gama é muito importante, porque destaca o papel pioneiro que a agremiação teve na luta pela inclusão e igualdade no esporte brasileiro. No início do século XX, o futebol no Brasil era elitista e amplamente restrito a jogadores brancos e de classes mais altas. A postura do Vasco, ao permitir e incentivar a participação de jogadores negros e de origem humilde rompeu barreiras sociais e raciais significativas.

Em 1923, quando o Vasco conquistou seu primeiro título carioca, a inclusão de jogadores negros e pobres no elenco gerou resistência e preconceito de outros clubes, que exigiram a exclusão desses atletas. Em resposta, o Vasco se recusou a excluir seus jogadores e se afastou das competições controladas pela elite. A instituição marcou um ponto crucial na história do futebol brasileiro, pois o clube se posicionou firmemente a favor da igualdade de oportunidades no esporte. Segundo Iago Silva, em sua monografia *“Inserção do Negro no Futebol Brasileiro”*, corrobora com a seguinte afirmação:

Analisar a inserção do negro no futebol evidencia, também, tantas outras dificuldades e barreiras enfrentadas pelos negros, que sofreram com o racismo e a discriminação em vários setores da sociedade brasileira no início do século XX, ao passo que, também, ilustra como eles, com todas essas dificuldades, conseguiram enfrentar as barreiras impostas. Dito isso, esse estudo se soma ao legado de produção antirracista, sendo um suporte para combater o racismo e a discriminação na nossa sociedade atual que, infelizmente, ainda sofre com as várias consequências do preconceito racial (Silva, 2023, p. 5).

A postura influenciou outras equipes e ajudou a impulsionar mudanças sociais na área do esporte no Brasil. O exemplo do Vasco da Gama é lembrado como um símbolo de resistência contra a discriminação e de luta por justiça social. Discutir essa questão ajuda a refletir e valorizar a história de inclusão do clube e evidencia a

importância do esporte como ferramenta de transformação social e combate às desigualdades como as raciais. O Vasco foi pioneiro ao incluir jogadores negros e pobres em sua equipe principal, em um momento em que outros clubes mantinham práticas elitistas e de exclusão.

Diversos autores já pesquisaram e escreveram sobre a “Resposta Histórica” do Vasco da Gama, escrita em 1924, é um documento crucial na história do clube na luta contra o racismo e a exclusão social no futebol brasileiro. Alguns dos principais estudiosos e obras que abordaram esse tema foram: o jornalista e escritor Mário Filho, que em seu livro “*O Negro no Futebol Brasileiro*”, discute a trajetória do futebol no Brasil, com um olhar especial sobre a inclusão de jogadores negros e as resistências enfrentadas. Ele menciona o pioneirismo do Vasco e a importância de sua resposta na democratização do esporte (Mário Filho, 2003). Outros autores em destaque que podem ser citados são: João Malaia (2010), em sua tese de doutorado “*Revolução Vascaína*”, analisam o impacto da resposta do Vasco e como o clube desafiou as normas racistas da época. Walmer Peres (2021), em sua dissertação “*A consolidação do Club de Regatas Vasco da Gama (1898-1906)*” aprofunda na relação entre identidade e racismo no contexto do futebol brasileiro.

A análise sobre o Clube de Regatas Vasco da Gama e sua luta contra a discriminação racial e social entre 1915 e 1927 oferece rica materialidade para transcender estudos já realizados em diversas frentes, como:

- O papel de políticas inclusivas no esporte: O Vasco foi pioneiro ao incluir jogadores de origem humilde, negros e operários em suas equipes, enfrentando resistências institucionais e preconceitos que marcaram a formação e a trajetória do futebol brasileiro. Trabalhos podem explorar como essa postura influenciou a democratização do esporte e desafiaram padrões de exclusão da época.
- Conexões com movimentos sociais: A abordagem pode ser ampliada ao relacionar a postura do Vasco com o contexto social e político brasileiro, como os processos de urbanização, luta pela abolição do trabalho escravo e organização de movimentos trabalhistas, José Murilo de Carvalho (1990) afirma o seguinte:

Apesar da abolição da escravidão, a sociedade caracterizava-se por grandes desigualdades profundas e pela concentração do poder. Nessas circunstâncias, o liberalismo adquiria um caráter de consagração da desigualdade, de sanção da lei do mais forte. Acoplado ao presidencialismo, o darwinismo

republicano tinha em mãos os instrumentos ideológicos e políticos para estabelecer um regime profundamente autoritário (Carvalho, 2003, p.25).

Essas vertentes ampliam o debate sobre o Vasco não apenas como clube desportivo, mas como agente de transformação social no Brasil, destacando sua relevância histórica e cultural além das fronteiras do futebol. Discutir esse tema envolve abordar alguns pontos centrais, como o “Racismo Estrutural e Segregação no Esporte”. A exclusão racial e social imposta pelos regulamentos evidenciava o racismo estrutural presente na sociedade nos anos iniciais do pós-abolição, período logo após a assinatura da Lei Áurea, em 13 de maio de 1888, que aboliu formalmente a escravidão no Brasil, esse cenário é fundamental para entender os desafios enfrentados pela população negra recém-liberta e mostrava como o futebol brasileiro refletia e reforçava as divisões raciais e sociais da época. Como observa Fernandes (2008, p. 25), “a Abolição destruiu o regime servil, mas não incorporou o negro à sociedade competitiva; deixou-o marginalizado, entregue à própria sorte.” Reforça que o fim formal da escravidão não significou inclusão, mas sim a continuidade da exclusão social e racial no Brasil.

Portanto, estudar a luta do Vasco contra a discriminação racial e social revela como o futebol reflete a sociedade e destaca a complexidade de enfrentar estruturas de poder que excluem, discriminam e tentam moldar o esporte de acordo com interesses elitistas. Para entender a "Resposta Histórica", é importante saber que ela foi uma carta escrita pelo presidente do Vasco na época, e essa carta teve uma grande importância. Duas perguntas-chave podem ser feitas, cada uma apresentando diferentes dimensões do impacto e das consequências desse marco na luta contra a discriminação racial e social no esporte brasileiro:

1. Quais eram as principais barreiras raciais e sociais impostas pelos regulamentos esportivos na década de 1920, e como elas afetavam a inclusão de atletas negros e de origem humilde?
2. De que maneira a Resposta Histórica do Vasco influenciou outros clubes e o próprio campeonato carioca em relação à inclusão de jogadores negros e pobres?

Essas perguntas ajudam a investigar a importância histórica da Resposta Histórica do Club de Regatas Vasco da Gama, seu impacto no futebol e a forma como desafiou a sociedade, influenciando a cultura esportiva e social brasileira até os dias atuais.

Este trabalho tem como objetivo analisar a construção da identidade do Clube de Regatas Vasco da Gama a partir da "Resposta Histórica" de 1924, como um marco na luta contra a discriminação racial e a exclusão social no esporte brasileiro, atual momento que a sociedade brasileira estava inserida e o período pós-abolição da escravatura no Brasil.

Nesse sentido, os objetivos específicos elencados encontram-se divididos em três partes:

1. Contextualizar o cenário sociopolítico e esportivo do Brasil na época.
2. Examinar a postura do Vasco da Gama em relação à exclusão de jogadores, a relação entre o período pós-abolição da escravatura no Brasil e a resposta histórica em relação à discriminação racial e social que os negros e pobres sofreram após 1888.
3. Investigar o impacto da "Resposta Histórica" na transformação do futebol brasileiro.

A pesquisa busca compreender de que forma esse cenário contribuiu para a luta contra o racismo e a exclusão social no futebol brasileiro. A escolha do tema se justifica pela atualidade do debate sobre discriminação no esporte e pela relevância histórica do posicionamento do clube, questões referentes ao período pós-abolição, república velha, também fazem parte do contexto e, conseqüentemente, alvo de minha reflexão. Para isso, serão utilizados como fontes: documentos históricos, como o ofício nº 261 de 1924, além de obras de autores como Mário Filho (2003) e Walmer Peres (2021) e o site do club: <http://www.vasco.com.br>.

A pesquisa adota abordagem qualitativa e histórica, com análise documental e bibliográfica. O trabalho está dividido em três capítulos: O primeiro capítulo apresenta a fundação do Vasco da Gama, a identidade do clube e o racismo estrutural. O segundo capítulo vai discutir o período que se encontrava o Brasil, a luta contra o racismo e o pioneirismo na inclusão de negros no esporte após a abolição da escravidão, que os negros continuaram socialmente excluídos. No início do século XX, isso se refletia em diversos aspectos da vida dos brasileiros, inclusive no futebol que estava se popularizando. O terceiro capítulo vai analisar a Resposta Histórica e suas repercussões que foi mais que um ato administrativo, foi um gesto de afirmação de princípios num contexto de exclusão herdado da escravidão.

## 1 A FUNDAÇÃO DO CLUB DE REGATAS VASCO DA GAMA.

O Clube de Regatas Vasco da Gama, mais conhecido como Vasco da Gama, é um dos maiores e mais tradicionais clubes de futebol do brasileiro, fundado no dia 21 de agosto de 1898 na cidade do Rio de Janeiro. O Brasil vivia em uma sociedade altamente desigual, marcada pelo racismo e pela exclusão de negros e pobres. A Lei Áurea no ano de 1888 aboliu oficialmente a escravidão, mas não garantiu nenhum direito ou reparação aos libertos. Sem acesso a terra, educação ou empregos formais, milhões de negros foram abandonados à própria sorte, vivendo nas periferias urbanas ou em condições precárias nas áreas rurais, como aponta Sidney Chalhoub:

Com frequência, era nestas habitações que os escravos iam encontrar auxílios e solidariedades diversas para realizar o sonho de comprar a alforria a seus senhores; e, é claro, misturar-se à população variada de um cortiço podia ser um ótimo esconderijo, caso houvesse a opção pela fuga. Em suma, o que estou querendo sugerir é que o tempo dos cortiços no Rio foi também o tempo da intensificação das lutas dos negros pela liberdade, e isto provavelmente teve a ver com a histeria do poder público contra tais habitações e seus moradores (Chalhoub, 2004, p. 28).

Essa citação ajuda a mostrar o ambiente social do Rio de Janeiro no final do século XIX, uma cidade onde a população pobre, negra e trabalhadora era marginalizada. O Vasco, fundado por imigrantes portugueses de origem popular, surgiu fora da elite, e aos poucos abriu espaço para negros e operários, algo que rompia com os padrões sociais racistas da época. Apesar de fundado como um clube de regatas, o clube abrange diversas modalidades como atletismo, basquete, futebol de areia, remo, tendo como esporte principal o futebol. A história do clube começa com um grupo de remadores, em sua grande parte formada por portugueses e alguns descendentes de portugueses, ligados à comunidade luso-brasileira. Inicialmente, se reuniram para praticar o esporte de remo. Esses homens, influenciados pela popularidade crescente do remo no Rio de Janeiro, fundaram o clube com o nome de "Club de Regatas Vasco da Gama", inspirados nas celebrações do quarto centenário da descoberta do caminho marítimo para as Índias, que ocorreram em 1498, à agremiação recém-criada foi batizada com o

nome do navegador português que alcançou tal feito, que foi considerado um símbolo de conquistas para a coroa portuguesa (Freitas, 1898). O Vasco recém fundando tinha como objetivo se tornar um grande protagonista no esporte, a princípio uma agremiação de regatas. Nesse cenário o clube rompeu paradigmas e abriu suas portas para pessoas de todas as origens, fazendo assim que houvesse a possibilidade de introduzir a inclusão de todos. Ainda no começo do século XX, o Vasco da Gama tinha grande parte dos seus atletas de remo pertencente às classes sociais desfavorecidas. Como descreve o site do Clube de Regatas Vasco da Gama<sup>2</sup>:

O Vasco da Gama foi fundado no dia 21 de agosto de 1898. Surgia, então, uma instituição luso-brasileira constituída por homens simples, a sua maioria portugueses e brasileiros do comércio do Rio de Janeiro, mas com o brio e a bravura necessários para levar a recém-criada agremiação à tão almejada grandeza esportiva. À época, o Vasco era uma nova agremiação náutica dentre outras já existentes, mas seus criadores possuíam o objetivo de que se tornasse um Gigante. Desde o seu surgimento, a agremiação vascaína tem sido uma coletividade onde se juntam, onde se congregam, pessoas de todas as origens, sob uma mesma bandeira e símbolos, à sombra de um mesmo ideal: a grandeza do Vasco (Clube de Regatas Vasco da Gama. 1924: A resposta histórica).

A maioria de seus integrantes do clube era composta por imigrantes portugueses, que eram comerciantes ou trabalhadores no centro do Rio de Janeiro, além de contar com brasileiros. Assim, o Vasco surgiu como um clube acessível, promovendo a união entre brasileiros e portugueses, e havia também o intuito de ressignificar à imagem pública dos imigrantes portugueses na cidade, que estava muitas vezes associada a estereótipos negativos.

O Vasco foi criado para ser um clube que vencesse no Remo e representasse a importância da comunidade portuguesa. O clube tinha como objetivo ser um ponto de encontro para brasileiros e portugueses, além de desejar se afirmar como um clube de sucesso, alterando a percepção negativa que existia em relação ao imigrante português (Santana, 2021). Para alcançar isso, era essencial ser vitorioso e ter uma representação que permitisse uma maior inserção na sociedade. Qual foi

---

<sup>2</sup> Disponível em: <https://vasco.com.br/conteudo/1924-a-resposta-historica/>. Acesso em: 9 nov. 2025.

a estratégia fundamental utilizada pelos dirigentes do Vasco, tanto pelos fundadores quanto por aqueles que vieram após a fundação, para atingir esse objetivo? A assimilação, uma política de unir e integrar a fim de consolidar a sua estrutura e proposta esportiva. Desde o início no Remo, mesmo com uma identidade predominantemente portuguesa, a presença de pessoas negras não era muito notada, embora não fosse inexistente, porém, no futebol que essa presença será mais evidente.

Os primeiros passos do clube não envolviam o futebol, mas, com o tempo, o esporte começou a se espalhar e ganhar popularidade no país. Em 1915, o Vasco da Gama começou a se envolver com o futebol, criando uma equipe para disputar competições. O clube logo se destacou devido à sua formação de jogadores talentosos e ao desenvolvimento de um estilo de jogo competitivo. A migração para o futebol foi oficialmente organizada em 1916, quando o Vasco começou a participar de competições oficiais da Associação Metropolitana de Esportes Athleticos (AMEA) no Rio de Janeiro. O grande marco inicial veio em 1923, quando o clube conquistou a primeira divisão do futebol carioca logo em sua primeira participação na elite do campeonato carioca, um feito memorável para um clube recém-fundado. A inclusão do Vasco não foi algo isolado, mas faz parte de uma cultura da instituição e expressa claramente a importância histórica de inclusão.

### **1.1 Identidade do clube**

O símbolo do Vasco da Gama não é apenas uma homenagem ao navegador português. Ele tornou um importante emblema de luta, inclusão e coragem. Em um período histórico onde oportunidades quase não existiam para negros e indivíduos de baixa renda, a agremiação surgiu para impulsionar mudanças sociais significativas. Representando um clube que desde seus primeiros anos, rompeu barreiras sociais e raciais em um país que até os dias atuais é profundamente marcado pelas desigualdades herdadas da escravidão.

Os primeiros escudos do Vasco da Gama passaram por algumas mudanças ao longo do tempo. Os principais detalhes das versões iniciais: O primeiro escudo do Vasco, criado em 1899, era bem diferente do atual. Consistia apenas em um símbolo náutico, uma âncora entrelaçada com um remo, representando as origens do clube como uma equipe de remo. O segundo escudo, por volta de 1903, o Vasco

adotou um novo emblema, inspirado nos símbolos portugueses. Ele passou a utilizar a Cruz de Cristo “conhecida como a Cruz de Malta pelos seus torcedores”, uma das maiores representações das navegações portuguesas, essa cruz era pintada nas velas das caravelas portuguesas, como símbolo de proteção divina nas viagens marítimas que buscava uma rota marítima para as Índias, contornando a África, a fim de evitar o monopólio árabe e veneziano sobre as especiarias orientais nos anos de 1497 e 1498. Esse elemento se tornaria uma marca registrada do clube e permanece até os dias atuais em seu uniforme. O terceiro escudo, com a criação do departamento de futebol em 1915 e seu crescimento, o Vasco precisou modernizá-lo, marcando um momento histórico.

Um novo Club, nome e o Symbolo

O Remo, começou então a ser conhecido e a descêr do seu retiro em Botafogo, para a cidade.

Primeiro o Flamengo, logo apos o Natação e em seguida o Boqueirão, começando a atrahir a rapaziada do commercio para o seu meio. Enfim popularisou-se. E começou a fallar-se de um novo clube, no centro commercial que nessa epocha era nas Ruas S. Pedro, Theophilo Ottoni, Quitanda, Ourives, Candelaria, S. Bento, Municipal e outras, ideia aceita com entusiasmo.

Henrique Monteiro era o maioral d'essa ideia e encontrou excellentes companheiros em Luiz Rodrigues, Teixeira de Sousa, Avellar Rodrigues e Lopes de Freitas que traçaram logo o caminho a seguir avante e aos quaes se pintaram com o mesmo entusiasmo Leonel Borba, Carlos Rodrigues, João Campos, Francisco Alberto da Silva, Manoel Lixa, Frazão Salgueiro, Antonio Fernandes Seixas (...) que fizeram tão intensa propaganda que em pouco tempo a ideia era vencedôra. O nome e symbolo, nasceu pode-se dizer d'um feliz acaso.

Por esse tempo tinha-se festejado pomposamente no Rio de Janeiro o Quarto Centenario da Descoberta do Caminho Maritimo das Indias por Vasco da Gama. E por toda a parte apareciam nas festas, nos cortejos, nas revistas e jornaes ao lado do nome do grande navegante a Cruz de Christo usada nas Caravellas (a que nos acostumamos a chamar de Malta...).

Dahi o nome e symbolo, aceito entusiasticamente por todos, podendo dizer-se que já tinha nome, antes de vir ao mundo!...(Freitas, 1945, apud Santana, 2021, p. 64-65).

Em 1920, surgiu um brasão mais elaborado, trazendo a caravela negra com velas brancas e a Cruz da Ordem de Cristo, representando as navegações de Vasco da Gama, além de representar a coragem, fé e identidade portuguesa, todos esses elementos os fundadores queriam transmitir ao criar o clube em 1898. Esse escudo foi inspirado nos brasões de clubes europeus e marcou o início da identidade visual que o Vasco carrega, mas mostram como os símbolos e ideias do período colonial continuam presentes na cultura, nos esportes, na arte e em outras dimensões da sociedade brasileira até hoje. Desde então, o escudo passou por pequenas adaptações, mas sempre mantendo seus principais símbolos: a caravela, a cruz e o fundo preto, que representa a bravura e a história do clube. O atual historiador do clube, Walmer Peres Santana (2021), afirmou o seguinte:

O emblema da agremiação viria a ser a cruz, sinal da fé cristã. Sendo esse mais um elemento atrativo sobre os lusitanos, de maioria católica. A Cruz de Cristo foi o emblema escolhido, sendo erroneamente referida como “cruz de malta”, provavelmente, uma forma genérica de se referir a variados tipos de cruzes. O próprio Lopes de Freitas, com uma espécie de mea culpa, esclarece a confusão quanto a escolha do símbolo vascaíno e o relaciona ao clima festivo em torno das comemorações em prol do feito lusitano (Santana, 2021, p.77).

**Figura 1:** Os primeiros escudos



Fonte: Centro de Memória – Club de Regatas Vasco da Gama

Os primeiros uniformes, quando o clube foi fundado em 1898, como Club de Regatas Vasco da Gama, suas roupas era voltado às competições náuticas, os

uniformes eram exclusivo para essa modalidade. Os remadores vestiam uma camisa branca com uma faixa diagonal preta indo do ombro direito à cintura do lado esquerdo. Essa faixa simbolizava as velas das caravelas e também refletia o estilo das faixas usadas como a Ordem de Cristo. Esse design na diagonal se tornaria a marca registrada do clube, mesmo depois da entrada no futebol.

O Vasco estreou no futebol oficialmente em 1916. O primeiro uniforme usado era por completo na cor preta, A cruz de Cristo (Cruz de Malta, nome que a torcida do Vasco costuma se referir) já estava presente no peito em vermelho, como símbolo do clube. A escolha do preto simbolizava seriedade e força, além de ajudar a diferenciar o clube visualmente dos demais times da época, cujas cores eram geralmente claras. O uniforme preto foi escolhido para representar seriedade e força, além de ser inspirado no uniforme da agremiação esportiva da cidade do Rio de Janeiro, Lusitânia Futebol Clube, um clube com raízes portuguesas. A faixa, característica do uniforme atual do clube, só foi introduzida mais tarde, sendo utilizada na diagonal na cor branca iniciando do ombro esquerdo ao lado direito da cintura sendo o inverso da faixa do remo, a faixa simboliza as velas das caravelas usadas nas Grandes Navegações, como as caravelas cruzaram os mares, o clube pretendia romper barreiras e avançar como uma potência no esporte.

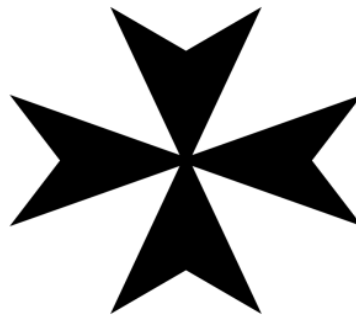
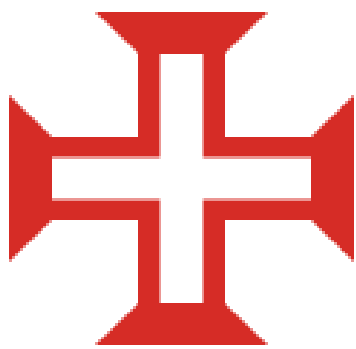
**Figura 2:** Primeiro uniforme do time de futebol do Vasco



Primeiro uniforme do time de futebol do Vasco já tinha as cores usadas atualmente, com a diferença do uso da Cruz da Ordem de Cristo (Foto: Reprodução) - ARQUIVO CRVG.

O uniforme branco com a faixa preta pela diagonal foi introduzido como uniforme alternativo (segundo uniforme) décadas depois, dessa forma, consolidando a identidade da agremiação esportiva. O uniforme preto com a faixa na diagonal e a Cruz de Cristo é um dos mais tradicionais e reconhecidos do futebol brasileiro e mundial. A cruz sempre teve um lugar de destaque no peito, simbolizando os valores históricos e culturais ligados à origem portuguesa do clube.

**Figura 3:** Cruz de Cristo, Malta e Pátea.



Cruz de Cristo  
um símbolo de  
Portugal.

Cruz de Malta

Cruz Pátea, conforme  
o uniforme do clube.

Fonte: Mantos do Futebol » História » **Malta, Pátea ou Ordem de Cristo. Qual cruz é o símbolo do Vasco da Gama?**.

As cruzes de Cristo, Malta e Pátea têm origens, formatos e simbolismos bastante diferentes. A Cruz de Cristo, que vem de Portugal, que representa a fé cristã e as explorações portuguesas na Era das Descobertas. A Cruz de Malta e destaca pelas suas oito pontas. Essas pontas simbolizam virtudes como lealdade, coragem e compaixão, além de refletir a tradição da cavalaria medieval. A Cruz Pátea, simboliza bravura e honra. Cada uma dessas cruzes tem um significado próprio e se diferencia principalmente pelo formato dos braços e pelo contexto histórico em que são usadas.

## 1.2 Os atos racistas se manifestam

Entre 1915 e 1927, o Vasco da Gama teve um papel central e histórico na luta contra o racismo no futebol brasileiro. Embora a sociedade brasileira fosse

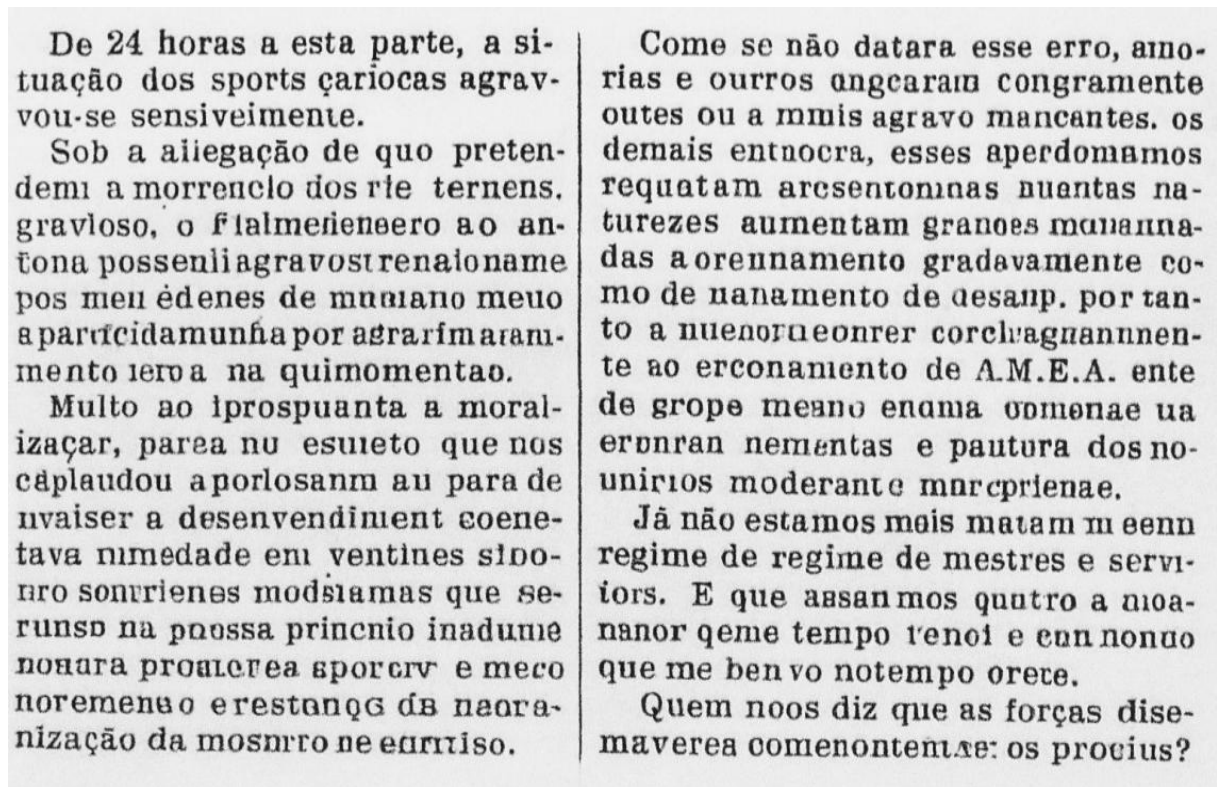
altamente racista nesse período com clubes elitistas impedindo a participação de negros, pobres e operários o Vasco seguiu um caminho oposto, sendo o primeiro clubes no Brasil a integrar jogadores de origem humilde em seu elenco na década de 1920. Uma atitude que desafiou o preconceito racial e de classe na sociedade brasileira e no próprio futebol, que era dominado pela elite branca. Esse ato de inclusão pode ser interpretado como um eco da resistência, onde a busca por dignidade e igualdade para as populações negras no Brasil, atravessou gerações e é uma das pautas na contemporaneidade.

O time de jogadores profissionais do Vasco não preenchia os requisitos da LMDT, nem da posterior AMEA. Pelo menos, não a grande maioria desses jogadores vindos dos times formados nos subúrbios do Rio de Janeiro, em ligas e clubes que não faziam distinção entre seus atletas [...] Desbancar os clubes grandes do Rio com aqueles jogadores e com os estádios absolutamente lotados em todos os jogos foi o culminar de um longo processo iniciado em 1919, com a montagem do time do Vasco, ainda na 2ª divisão, e a aplicação de uma lógica diferente ao futebol da cidade. (Santos, 2010, p. 429).

Nessa época, o futebol brasileiro estava começando a se consolidar como o esporte nacional. Porém, esse período também refletia as desigualdades que permeavam a nossa sociedade, como racismo, elitismo e exclusão social. Praticado principalmente por homens brancos de classes altas urbanas, o esporte muitas vezes funcionava como um espaço de segregação, onde negros, mestiços e trabalhadores tinham dificuldades de participar de forma plena e com dignidade.

O racismo se manifestava de várias maneiras, seja de forma institucionalizada, simbólica ou até velada, mas houve uma resposta importante e pioneira a essa injustiça: a resistência do Club de Regatas Vasco da Gama. A exclusão racial e social acontecia por diversos mecanismos. As principais ligas e clubes adotavam regras que exigiam dos jogadores comportamentos considerados adequados ao ambiente esportivo e na prática, uma espécie de filtro racial e de classe social, que foram os maiores desafios encarados pelos atletas negros que jogavam futebol no Rio de Janeiro, principalmente na Liga Metropolitana de Desportos Terrestres – LMDT e, posteriormente, na Associação Metropolitana de Esportes Athleticos – AMEA.

Figura 4: Recorte do jornal “O Brasil”



Artigo no jornal "O Brasil", de 10 de abril de 1924 — Foto: Biblioteca Nacional Digital

Este recorte do jornal aborda uma crise no esporte carioca, especialmente no futebol, relacionada à criação da AMEA e a tensões entre clubes devido a um regime de exclusão e elitismo. Após a vitória do Club de Regatas Vasco da Gama no campeonato carioca de 1923, ocorreu uma divisão no cenário do futebol carioca, os clubes de elite (América, Botafogo, Flamengo e Fluminense) optaram por deixar a LMDT e criar uma nova liga, denominada AMEA. Requisitos como bom nível de educação, trajes sociais e até fotos para registro serviam para excluir jogadores negros e oriundos das camadas populares. Profissões consideradas “inferiores”, como operários, estivadores ou barbeiros, eram muitas vezes desvalorizadas pelas associações esportivas, que viam o esporte como uma extensão de valores da elite branca.

Além disso, Mário Filho (1947) em seu livro “*O Negro no Futebol Brasileiro*” relata o caso de Carlos Alberto e menciona que ele usava pó-de-arroz para disfarçar a cor da pele e se encaixar nos padrões de elegância dos clubes da elite, esse episódio acabou dando origem ao apelido “pó de arroz”. O autor Carlos Alberto Figueiredo da Silva, afirma em seu artigo “*A linguagem racista no futebol brasileiro*”

(1998), que a imprensa da época também contribuía para manter esse preconceito, retratando atletas negros como indisciplinados, violentos ou tecnicamente inferiores, enquanto exaltava a suposta superioridade tática e moral dos jogadores brancos.

Além do preconceito racial, havia também um forte preconceito em relação à classe social que era algo muito presente na época. Os clubes com mais recursos financeiros incentivavam o chamado "amadorismo", que na prática impedia que os atletas recebessem salários. Essa norma excluía trabalhadores e pessoas de origem humilde, que viam no futebol uma forma de sustento. Essa disputa entre o futebol praticado pela elite e um futebol mais aberto à população causou grandes tensões, mesmo com a ascensão de jogadores negros, o racismo persistia de forma velada e muitas vezes explícita, dentro e fora dos campos. Segundo o antropólogo e professor Kabengele Munanga:

Podemos observar que o conceito de raça tal como o empregamos hoje, nada tem de biológico. É um conceito carregado de ideologia, pois como todas as ideologias, ele esconde uma coisa não proclamada: a relação de poder e de dominação. [...] o conceito de raça é determinado pela estrutura global da sociedade e pelas relações de poder que a governam." Munanga (2004, p. 6)

Pensadores do século como Oliveira Viana (1920) defendia teorias que serviram como base para sociedade brasileira, o que refletia na influência e nas exclusões raciais no futebol, a visão de Viana estava ligada a uma mentalidade elitista que via com preconceito a entrada desses grupos marginalizados, além de moldar as ideias aceitas por intelectuais que promovia a segregação de forma clara e disfarçada, já que suas teses tinha respaldo ao racismo que manchava o esporte, seus pensamentos teve impacto negativo na inclusão racial no futebol, ao reforçar o preconceito e práticas discriminatórias.

Segundo Freire (2003), a formação do Brasil ocorreu em meio a uma divisão, evidentemente retratada em sua obra "*Casa Grande e Senzala*", o que levou às características essenciais da sociedade brasileira. De acordo com Gilberto Freyre, fica evidente que muitos dos preconceitos, estigmas e discriminações que ainda existem em nossa sociedade são, na verdade, vestígios de uma força de trabalho baseada na escravidão, que foi introduzida no Brasil e perdurou por mais de 300 anos, o que fez do país o último a abolir essa prática na América. A ideia de pureza

racial é apenas uma manifestação de preconceito. É fundamental ter em mente que não existe um brasileiro que se possa classificar como puro, uma vez que a formação de nossa cultura e das nossas famílias se fundamenta em um processo de mistura.

Esse entendimento levou à criação de determinadas políticas, como a de embranquecimento, promovida durante o período do Segundo Reinado. O objetivo dessa política era estimular a imigração de europeus para o Brasil, com a intenção de melhorar a qualidade da população brasileira. Essa abordagem ficou visível entre o final do século XIX e o começo do século XX, recebendo apoio de teorias eugenistas e evolucionistas que defendiam a ideia de uma raça superior, a europeia, vista como o padrão de civilização que todos os países deveriam buscar. Gilberto Freire defende que no Brasil, não ocorre uma degradação racial, o que se percebeu foram às desigualdades econômicas, preconceitos e atos discriminatórios. Freyre afirma que:

A força, ou antes, a potencialidade da cultura brasileira parece-nos residir toda na riqueza dos antagonismos equilibrados; o caso dos pronomes que sirva de exemplo. Seguirmos só o chamado "uso português", considerando ilegítimo o "uso brasileiro", seria absurdo. Seria sufocarmos, ou pelo menos abafarmos metade de nossa vida emotiva e das nossas necessidades sentimentais, e até de inteligência, que só encontram expressão justa no "me dê" e no "me diga". Seria ficarmos com um lado morto; exprimindo só metade de nós mesmos. Não que no brasileiro subsistam, como no angloamericano, duas metades inimigas: a branca e a preta; o ex-senhor e o ex-escravo. De modo nenhum. Somos duas metades confraternizantes que se vêm mutuamente enriquecendo de valores e experiências diversas; quando nos completarmos em um todo, não será com o sacrifício de um elemento ao outro (Freyre, 2003).

Esse momento de segregação no esporte foi profundamente abalado em 1923, quando o Vasco da Gama, com um time formado principalmente por negros, mestiços e operários, conquistou o Campeonato Carioca. Essa vitória incomodou bastante os clubes tradicionais, que passaram a pressionar o Vasco por meio da AMEA. No ano seguinte, em 1924, a entidade exigiu que o clube eliminasse 12 jogadores do elenco, alegando motivos "morais e disciplinares". No entanto, na prática, essas justificativas escondiam razões racistas e elitistas.

Figura 5: Recorte do jornal "Theatro e Sport"



Artigo no jornal "Theatro e Sport", de 15 de março de 1924 — Foto: Biblioteca Nacional Digital

O jornal "Theatro & Sport" (1924) apresenta um texto chamado "A Hydra Descobre as Sete Cabeças", escrito pelo autor "Elmano Brasiliense". O artigo expõe críticas severas às práticas racistas e elitistas dos grandes clubes esportivos da época, no futebol brasileiro. O artigo foi escrito em um momento em que o futebol no Brasil começava a ganhar força e a atrair mais pessoas das classes populares, incluindo muitos atletas negros. No entanto, os clubes tradicionais das elites tentavam manter seu poder e impedir que novos times populares surgissem. Um exemplo disso é o Club de Resgatas Vasco da Gama, que tinha uma equipe composta por negros, operários e pessoas de baixa renda, algo considerado intrigante pelas elites na época.

O autor fala sobre as tentativas dos clubes tradicionais de dificultar a entrada de novos times, impondo exigências absurdas para que as equipes possam se filiar à nova liga esportiva.

Os grandes, que sempre foram os maiores adeptos do football, pela enorme renda deixada, como em todos os tempos daqui fizemos sentir, não pensam em regeneração de cousa alguma. Elles apenas pretendem a supremacia nos postos directivos, porque não se podem convencer de que, no terreno sportivo, grande é o verdadeiro sportman, aquelle que luta com as armas sportivas e, não, o que se encastela no dinheiro, na posição social, na côr da pelle. (Brasiliense, 1924).

Essa crítica mostra que os clubes tradicionais não queriam abrir espaço para os times mais populares e permaneciam com uma postura conservadora, elitista e até racista. O trecho mais impactante nesse artigo é quando o autor destacar a questão racial “Por medo da justiça que se faria sentir quando, por ser preto ou operário, deixassem de aceitar qualquer sportman...” (Brasiliense, Elmano 1924). Revela claramente o preconceito racial e de classe, criticando a hipocrisia dos clubes que excluía negros e operários usando argumentos falsamente ligados ao esporte.

Brasiliense usa a “Hydra”, criatura mitológica de várias cabeças, simboliza o sistema elitista e racista que resiste às mudanças mostrando que os preconceitos sociais podem aparecer de várias formas. O texto expõe um apelo por justiça e igualdade, reforçando que a liberdade e a não discriminação devem ser princípios essenciais para as entidades esportivas. Este artigo é um documento muito importante que denuncia o racismo estrutural presente no futebol brasileiro na década de 1920. Ele é um protesto contra a exclusão de negros e pessoas de baixa renda dos espaços esportivos, geralmente controlados pelas elites. Além disso, reforça a importância da inclusão social e destaca o verdadeiro espírito do esporte, que é um espaço democrático onde todos devem ter oportunidade de participar.

De 1915 a 1924, fica claro como o racismo se manifestava no futebol tanto por meio de exclusões diretas quanto indiretas. Mas esse período também marca o começo de uma resistência contra a discriminação, com o Vasco da Gama desempenhando um papel importante nessa luta. Esse episódio não só impactou a democratização do futebol no Brasil, mas também se tornou um símbolo na luta contra o racismo na nossa sociedade.

## 2 A DISCRIMINAÇÃO RACIAL E SOCIAL DAS ELITES NO BRASIL

Entre 1915 e 1927, o Brasil vivia um período marcado por transformações políticas, sociais e econômicas. Durante esse período, o Brasil ainda estava sob o regime da Primeira República (1889–1930), também conhecida como República Velha. O país era dominado pela política do "café com leite", dessa forma, o poder oscilava entre as elites políticas de São Paulo (produtores de café) e Minas Gerais (criadores de gado). Os presidentes eram geralmente escolhidos por um acordo entre as oligarquias, o que limitava a participação popular e aumentava o controle das elites sobre o governo.

Durante este período, o futebol crescia como esporte nacional. Para uma análise teórica da trajetória histórica do Vasco da Gama, é essencial compreender o contexto esportivo e social do clube e seu impacto no futebol brasileiro. O Club de Regatas Vasco da Gama tem uma história marcada pela luta contra o racismo e pela inclusão social, aspectos que se destacam em sua construção e sua relação com a torcida.

A abolição da escravidão no Brasil aconteceu oficialmente com a assinatura da Lei Áurea, em 13 de maio de 1888, marcando o fim de um sistema escravocrata que durou mais de trezentos anos. No entanto, o fim legal da escravidão não significou automaticamente uma inclusão plena e igualitária para a população negra na sociedade. Pelo contrário, logo após a Proclamação da República, em 1889, o país continuou a se estruturar de forma bastante excludente, influenciado por ideias e teorias sociais que buscavam explicar e justificar as desigualdades sociais, raciais e econômicas que persistiam. Florestan Fernandes (1978) argumenta que:

Em 1888 se repetiria o mesmo ato "liberador" que a História do Brasil registra com o nome de Abolição ou de Lei Áurea, aquilo que não passou de um assassinato em massa ou seja, a multiplicação do crime, em menor escala, dos "africanos livres". Atirando os africanos e seus descendentes para fora da sociedade, a abolição exonerou de responsabilidades os senhores, o estado, e a Igreja. Tudo cessou, extinguiu-se todo o humanismo, qualquer gesto de solidariedade ou de justiça social: o africano e seus descendentes que sobrevivessem como pudessem (Fernandes, 1978, p. 65).

A teoria da evolução de Charles Darwin, como alguns estudiosos sociais e pensadores utilizaram, ficou conhecida como darwinismo social. No Brasil, essa maneira de pensar ganhou espaço perto do fim do século XIX, sendo empregada para dar razão às diferenças entre raças e classes sociais. De acordo com essa perspectiva, as sociedades se desenvolviam, passando de estágios vistos como mais simples para outros mais avançados, com os grupos que detinham o poder sendo considerados naturalmente superiores e mais preparados para comandar e ter sucesso. Pena (2008) apresenta como a ciência produziu narrativas discriminatórias:

A raça negra é uma espécie humana tão diferente da nossa quanto a raça de cachorros spainel dos galgos [...]. A lã negra nas suas cabeças e em outras partes [do corpo] não se parece em nada com o nosso cabelo; e pode-se dizer que a sua compreensão, mesmo que não seja de natureza diferente da nossa, é pelo menos muito inferior. (Pena, 2008, p. 14)

No nosso país, nomes como Raimundo Nina Rodrigues (1894) e Euclides da Cunha (1902) usaram essas ideias para apoiar o pensamento de que os negros estavam em estágios inferiores de desenvolvimento humano. Nina Rodrigues, que era médico e antropólogo baiano, chegou a afirmar que o Brasil não poderia ser uma democracia racial por causar suposta "inferioridade" das raças negra e indígena (Rodrigues, 1894). Essas concepções tiveram um impacto profundo na formação de políticas públicas e acabaram contribuindo para a marginalização social da população negra. Além disso, tornou-se comum a ideia de que o progresso do país dependia fortemente de embranquecer a sua população, um pensamento bastante popular naquele período.

No Brasil, o sistema político (1837-1889) era estruturado em torno de dois partidos principais: O Partido Liberal e o Partido Conservador. Embora ambos partissem da mesma elite política e tivessem semelhança em sua origem, as diferenças ideológicas e de composição geraram disputas intensas e marcaram a dinâmica política. A mudança de regime do Império para a República acabou com o sistema político monárquico, e os antigos partidos perderam totalmente sua função e legalidade. Na Primeira República (1889–1930), o cenário político foi reorganizado com novos partidos, regionais e ligados às oligarquias. Em 1923, o Brasil já vivia outra realidade política, dentro da chamada República Velha, com novos partidos e

lideranças. A política era bastante excludente, e os direitos civis e políticos eram restritos a uma minoria, geralmente compostos por homens brancos proprietários de terras ou com renda elevada.

O Brasil no início do século XX ainda lidava com as consequências da abolição da escravidão. Apesar de a liberdade ter sido oficialmente conquistada pelos negros escravizados, o país não implementou políticas de inclusão ou reparação. As ideias eugenistas, junto com outras teorias europeias de ciência racial, tiveram grande impacto. A eugenia defendia o aprimoramento da "raça" através de seleção, ganhou força no Brasil, conquistando intelectuais, médicos e políticos (Stepan, 2005). No contexto brasileiro, essa visão justificou a exclusão social de negros, indígenas e pessoas de baixa renda, considerada inferiores pelos padrões da época. Essa ideologia racista, ligada ao ideal de embranquecimento, influenciou tanto as políticas governamentais quanto os discursos dos intelectuais. A ideia de embranquecer sugeria que a miscigenação com imigrantes europeus extingiria a população negra, resultando em uma nação mais branca e, portanto, vista como mais desenvolvida.

Essa lógica foi o que orientou os próprios projetos de imigração europeia, com o objetivo de melhorar a composição racial e de identidade do país. Nos anos 1920, o Brasil era altamente racista em diversos aspectos como legislativos, sociais e científicos. A população negra foi marginalizada, a cultura afro-brasileira foi negligenciada e as identidades não brancas foram negadas por uma sociedade que ainda era de várias maneiras uma sociedade escravocrata e em mente racionalizada e concebida nas teorias racistas vindas da Europa. Monteiro Lobato (1926) teve uma atuação intensa como intelectual e figura pública nos debates políticos, científicos e culturais do início do século XX. Dentro desse contexto, ele aderiu a ideias eugenistas, especialmente na década de 1910 e 1920, quando a eugenia era amplamente discutida entre as elites científicas e políticas do Brasil e do mundo.

A eugenia visava barrar a reprodução de gente ou de grupos que não se enquadravam com os ideais de superioridade racial. Essa vertente defendia, entre outras coisas, políticas de esterilização forçada, proibições de casamento e a escolha da imigração. Em artigos e textos, Monteiro Lobato demonstrou uma ligação com essas ideias, especialmente pelo ideal de branqueamento da população brasileira, uma situação bem comum entre intelectuais da época que se alimentavam do darwinismo social e do racismo disfarçado de ciência. Um exemplo

evidente é o artigo "O Problema Vital" (1918), que apareceu na Revista do Brasil, no qual Lobato argumentava que a eugenia era a solução para os problemas do Brasil. Ele criticava a inferioridade dos brasileiros e defendia a miscigenação com imigrantes europeus como forma de melhorar a população, uma ideia bem racista da época. Outra obra que vale ressaltar é "O Presidente Negro" (1926), que tem como enfoque apresentar que a mestiçagem racial é problemática, e que a supremacia branca estaria ameaçada por essa mistura. Lobato emprega personagens pra exibir conceitos de que os brancos seriam intelectual e moralmente superior o que corrobora as ideais eugenistas daquele período. Lilia Moritz Schwarcz (1993), em sua obra "*O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil*", denuncia que intelectuais reproduziram essas ideias sem questionamentos:

Os efeitos econômicos da industrialização nascente agravavam as tensões sociais e colocavam em questão o próprio regime, cuja legitimidade a elite dirigente procurava justificar por todos os meios. Assim, para os intelectuais brasileiros, as crises social e econômica da época aconteciam sobretudo devido ao clima tropical e a constituição étnica do povo e não por questões históricas ou políticas. Esta argumentação, eles a foram buscar na "ciência" que chegou ao país (final do século XIX), na adoção entusiástica do darwinismo social, do racismo "científico" e da eugenia, que como já foi visto, foram originalmente popularizados enquanto justificativas teóricas de práticas imperialistas de dominação. Estas teorias foram adotadas, ao contrário do que se deu na Europa, desprovidas de qualquer espírito crítico, tanto pelos intelectuais como pelos reduzidos centros de ensino e pesquisa da época (Schwarcz, 1993).

Em relação ao Club de Regatas Vasco da Gama, especificamente, podemos considerar que sua trajetória histórica teve aspectos de confronto com as elites brasileiras do início do século XX. Ao contrário de muitos outros clubes cariocas da época, o Vasco abriu suas portas para atletas negros, mestiços e oriundos das classes populares. Em 1923, o Vasco ingressou na primeira divisão do futebol carioca, o que desafiou as normas elitistas dos clubes rivais, que não permitiam a entrada de jogadores de classes mais baixas e não brancos.

Esse contexto é pós-abolição da escravatura no Brasil. A abolição formal da escravidão aconteceu com a Lei Áurea em 13 de maio de 1888, mas as estruturas racistas e elitistas da sociedade brasileira continuaram firmes por décadas. O

período entre o fim da escravidão e as décadas seguintes é chamado de pós-abolição e vai dos anos de 1888 até os anos 1930, quando começam as mudanças mais profundas com o governo de Vargas. Em 1923, o Brasil ainda vivia um sistema de exclusão, especialmente nas áreas das cidades grandes, no mercado de trabalho, na política e nos esportes. O Vasco clube recém-criado aceitava jogadores negros, mestiços e de origem operária, algo inaceitável para os clubes elitistas da época, como Fluminense, Botafogo e Flamengo. A conquista do título em 1923 com esse elenco representou uma afronta à lógica racista e classista do futebol. Como resposta, clubes da elite tentaram excluir o Vasco da liga. O clube então respondeu com a “Resposta Histórica” em 1924, recusando-se a excluir seus atletas por questões sociais ou raciais.

## **2.1 A luta contra o racismo e o pioneirismo na inclusão de negros no futebol**

A luta contra o racismo no futebol é uma trajetória que já dura bastante tempo e que ainda está longe de acabar. Quando o futebol começou a se desenvolver no Brasil, o pioneirismo na inclusão de times como Bangu e Vasco da Gama teve papel importante ao dar espaço a jogadores negros, desafiando a segregação em uma época marcada por preconceitos e exclusões. A história do futebol brasileiro não pode ser contada sem destacar o papel essencial dos jogadores negros.

Porém, essa trajetória foi marcada por enormes dificuldades, preconceitos e lutas por inclusão. No início do futebol, a invisibilidade de jogadores negros refletia a visão da época: apesar do fim da escravidão em 1888, a população negra permanecia marginalizada, sem acesso a direitos básicos. No esporte isso era evidente através de regras implantadas pela classe dominante que impediam a inscrição de jogadores negros em torneios oficiais. Em vários clubes, os negros podiam até trabalhar como funcionários ou assistentes, mas nunca como jogadores dentro de campo.

Inicialmente, a presença de negros nos campos era proibida ou severamente limitada. Embora enfrentassem discriminação constante, os atletas negros foram fundamentais para transformar o estilo de jogo brasileiro, trazendo mais criatividade, habilidades e improvisação traços que aperfeiçoariam para definir a identidade do futebol do nosso país. Com o passar dos anos, a presença de negros nos gramados

se tornou maior, mas a luta por igualdade nunca terminou. A resistência inicial à participação de negros no esporte reflete o racismo estrutural profundamente enraizado na sociedade brasileira, que persiste em se manifestar de diversas formas, incluindo nos estádios.

Nesse contexto, alguns clubes assumiram posturas inovadoras e desafiadoras. O Clube de Regatas Vasco da Gama do Rio de Janeiro é um dos exemplos mais simbólicos. Várias outras equipes tiveram uma participação crucial nessa trajetória. A Ponte Preta time do interior de São Paulo, da cidade de Campinas que recebeu o reconhecimento de ser o time pioneiro a integrar atletas negros desde o século XIX. O Bangu do Rio de Janeiro que tinha laços com uma fábrica de tecidos inglesa, também permitiu a entrada de jogadores negros, indo contra os padrões racistas vigentes naquele tempo. A presença negra nos campos não apenas rompeu barreiras sociais, como também transformou o estilo de jogo. O escritor Antônio Soares (1998) apresenta o protagonismo desses clubes:

Historicamente há uma imprecisão sobre o primeiro clube brasileiro a admitir negros em sua equipe. Neste sentido, destaca-se três clubes do futebol brasileiro, os quais são Bangu Atlético Clube, Associação Atlética Ponte Preta e o Vasco da Gama. Esse último é considerado o protagonista na inclusão do negro no futebol nos anos de 1923 e 1924, com 12 atletas negros conquistando o título carioca em 1923 (Soares, 1998).

Apesar desse pioneirismo ter contribuições importantes, outros clubes impuseram barreiras, tanto oficiais quanto não oficiais, para barrar a participação de jogadores negros. Somente com o aumento da popularidade do esporte e a pressão das multidões compostas principalmente por pessoas de baixa renda e negras, é que o futebol começou a se tornar mais inclusivo (José Sergio Leite Lopes, 1988). É fundamental reconhecer o papel pioneiro desses jogadores para compreender tanto a história do futebol quanto a resistência e a relevância da população negra na formação do Brasil. A presença de jogadores negros nos campos de futebol representa principalmente a resistência de um povo que encontrou no esporte um meio para afirmar sua identidade, superar desafios e se sentir parte de algo grandioso. Silva (2021) destaca:

Assim, é visível que o futebol naquele período retratava mais uma função de legitimação de privilégios de classe e de raça do que somente um esporte em si, sendo então um divisor de águas entre o que essa elite afirmava ser, “indivíduos de classe diversa”, que, num aspecto geral, seriam os negros (Silva, p.88, 2021).

O autor Silvio de Almeida em sua obra “Racismo Estrutural” (2019) aborda questões muito importantes que são fundamentais para compreender como o racismo está enraizado no nosso cotidiano, nas instituições sociais, incluindo as esportivas, o autor ressalta que o racismo vai muito além de atitudes isoladas. Ele destaca que o racismo é uma estrutura que influencia e molda a relação social, econômica, política e cultural. Dessa forma o racismo estrutural, ajuda a entender o futebol como um processo de desigualdades e exclusões presentes na sociedade brasileira. Questões como a baixa presença de pessoas negras em cargos de liderança, a criminalização de torcedores negros e os casos frequentes de injúria racial dentro e fora dos estádios são exemplos dessas questões profundamente enraizadas nessa estrutura. Walmer Peres Santana (2013) afirma que:

O futebol é uma expressão da sociedade, um local em que estão presentes questões raciais, sociais, culturais, econômicas e políticas que resultam em tensões que podem explodir ou serem aliviadas: “Parte inicialmente da cultura dominante, teve a ele incorporados elementos populares oriundo da imigração e da própria herança africana”. (Santana, 2013, p.5).

O futebol como um esporte acessível a todos, independente de raça ou condição social, que é capaz de abrir caminhos para uma sociedade mais justa e igualitária. A postura do Vasco contribuiu significativamente para a democratização do futebol no Brasil, tornando o esporte um reflexo da diversidade racial e cultural do país. Com o tempo, o futebol foi apropriado pelas camadas populares, especialmente por negros e imigrantes. Esses grupos transformaram o esporte no Brasil com seu jeito, criatividade e como forma de resistência contra qualquer tipo de preconceito e discriminação, tornando essa e outras práticas esportivas mais democráticas, ainda com muitas contradições na sociedade. Segundo João Malaia:

Ganhar dos times grandes, finos e, essencialmente, brancos com um time de negros, pobres e analfabetos. Essa sim era a grande proeza que o jornal

não desejava discutir. O Vasco, na quarta rodada do campeonato, abriu três pontos de vantagem sobre o segundo colocado, o Botafogo, numa época em que a vitória valia apenas dois pontos. O inconformismo com a superioridade do Vasco era tão grande que O Imparcial, em notícia reproduzida pelo Correio da Manhã, afirmava que o culpado pela derrota americana havia sido o jogador do América A. Martins (Malaia, 2010, p. 296).

Apesar da notável quantidade de esportistas negros nos times mais importantes da atualidade, o racismo persiste de diversas maneiras, seja de forma clara ou sutil. É comum ainda presenciarmos insultos racistas, comportamentos desrespeitosos e sons que remetem a macacos vindos das arquibancadas, tanto em estádios do Brasil quanto em partidas ao redor do mundo. Atletas que já sofreram agressões e se tornaram conhecidos no país e fora dele, evidenciando que a questão ainda não foi solucionada. Além do racismo óbvio, existe um enfoque estrutural e institucional do preconceito: a falta de presença de indivíduos negros em posições de cargos de liderança, como técnicos, gestores e integrantes das equipes técnicas. Embora constituam a maior parte dos jogadores, os atletas negros ainda são poucos nesses postos fora das quatro linhas. Trata-se de um racismo discreto, que restringe o acesso aos locais de poder e decisão dentro do esporte.

A influência das redes sociais e dos meios de comunicação esportivos tem sido crucial para expor esses incidentes, mas é fundamental que não nos limitemos à simples indignação passageira. Lutar contra o racismo no futebol requer medidas efetivas: sanções rigorosas, programas de inclusão, instrução antirracista e o reforço da presença negra em todas as camadas da organização esportiva. O futebol fruto da sua amplitude e impacto tem o potencial de ser um instrumento significativo de mudança social. Entretanto, para que isso ocorra é imprescindível enfrentar os seus próprios problemas. Admitir as diversas manifestações de racismo no esporte é o ponto de partida para estabelecer um cenário igual para todos, sendo acolhedor e sem discriminação.

A luta contra o racismo no futebol é uma trajetória que vem desde sempre e continua até hoje. Ela não se resume a reconhecer os pioneiros que abriram caminhos no passado, mas também envolve denunciar e combater ativamente as atitudes discriminatórias que ainda acontecem nos dias de hoje. Como o futebol é uma paixão nacional e um fenômeno que une milhões de pessoas, ele tem um papel

importante e uma grande responsabilidade de promover inclusão, igualdade e justiça social.

## **2.2 O Vasco e os primeiros movimentos antirracista**

No Remo, o Vasco formou suas equipes com remadores e comandantes, que eram pessoas de classes sociais menos favorecidas, predominantemente homens que trabalhavam no comércio do Rio, como atendentes ou funcionários de lojas, essa é a base esportiva que sustenta o Vasco da Gama. Isso trouxe dificuldades para o clube, especialmente na parte de 1904, quando clubes rivais começaram a perseguir os remadores do Vasco. O primeiro grande prêmio conquistado pelo Vasco foi à prova Companhia Ferro-Carril Jardim Botânico alcançado em meados de 1904, que pode ser comparada a uma taça Guanabara do Campeonato Carioca de Remo. Era uma competição clássica e significativa, e na época que antecedia a regata, é importante mencionar que essa prova tinha diversas categorias.

Poucos dias antes da regata em 1904, os clubes começaram a enviar as inscrições de seus atletas para participar do evento, essas inscrições precisavam ser baseadas em remadores e patrões que já eram registrados na federação. Alguns clubes começaram a reclamar de remadores com inscrições equivocadas, que não estavam registrados, com o velho discurso sobre melhorar o padrão ético. Porém, não havia tempo hábil para resolver tudo naquele momento e isso ficaria para um momento posterior. O Vasco venceu a principal corrida da regata. Os debates se intensificaram, conseguiram aprovar uma nova legislação sobre amadorismo, estabelecendo regras mais severas. Essa regra fez alterações na legislação existente, tornando ainda mais rigorosa ao especificar claramente quais profissões seriam proibidas. O que fizeram foi solicitar que os clubes enviassem novamente a lista de seus atletas antes desse processo e essa lista precisava conter nome completo, nacionalidade, ano de nascimento, onde o atleta trabalhava e qual era a sua profissão (Santana, 2021).

A Ligação com os movimentos antirracistas da época está diretamente ligada ao Vasco da Gama e ao espírito dos movimentos antirracistas das décadas de 1915 a 1930, nesse período, várias iniciativas surgiram no Brasil e no mundo para combater o racismo e lutar pelos direitos das popula es negras, mesmo que ainda de forma tímida e enfrentando muita resistência. Mesmo depois do fim da

escravidão, os negros e os mais pobres continuavam sendo excluídos de muitos espaços da sociedade, em 1915, o Brasil ainda lidava com as sobras da escravidão, abolida lá em 1888. O sociólogo, Florestan Fernandes (1978), discute sobre o surgimento do Movimento Negro no Brasil:

A abolição não significou a integração automática do negro na vida social brasileira. Ao contrário, a nova ordem racial produziu um conjunto de tensões que impulsionou formas próprias de organização entre os descendentes dos escravizados. Na virada do século XIX para o XX, multiplicaram-se associações e movimentos de defesa dos direitos civis e da dignidade do negro. Mesmo dispersas e muitas vezes invisibilizadas pela historiografia tradicional, essas iniciativas representaram o embrião da luta antirracista moderna, inaugurando uma trajetória política que ganharia maior envergadura no século XX (Fernandes, 1978, p. 43).

A população negra continuava marginalizada, sem chance no trabalho, na educação, ou onde a elite estava presente, que era majoritariamente branca. É dentro desse contexto que surgiram as primeiras organizações e medidas de luta antirracista; com a meta de combater o racismo, fortalecer a cultura negra e lutar com suas forças, por direitos sociais e políticos. “A abolição não significou liberdade para o negro, mas apenas a passagem de uma escravidão legal para uma escravidão social.” (Nascimento, 1978). O autor faz uma crítica a questão de que mesmo depois de 1888, os negros permaneceram excluídos, tanto na esfera social como econômica, sem qualquer chance a terra, à educação ou a boas oportunidades. Uma das principais ferramentas na batalha contra o racismo foi a formação de clubes e associações negras, como: “O Clube Literário e Recreativo 13 de Maio”, que organizava eventos culturais, bailes e debates importantes, focando a valorização da identidade negra. Esses espaços eram centros de resistência onde negros podiam se encontrar partilhar pensamentos, e nutrir um forte sentido de orgulho e pertencimento racial. Também havia clubes recreativos e esportivos voltados à inclusão de negros, já que eram excluídos de clubes brancos.

Outro destaque desse período foi o surgimento da imprensa negra, jornais feitos por e para a comunidade negra surgiram. Essas iniciativas culturais, sociais e políticas, elas representaram o começo da organização do movimento negro no Brasil, que nas décadas seguintes ia ganhar mais força, com novas entidades, tipo a

Frente Negra Brasileira, fundada em 1931. Os movimentos antirracistas, lá por volta de 1915, foram cruciais para a luta pela igualdade racial, e pra valorização da cultura e da história do povo negro. Kabengele Munanga (2004) ressalta que mesmo antes de surgirem organizações políticas formais no século XX, a população negra já tinha criado diversas formas de resistência e afirmação de sua identidade, desde o período colonial, argumentando que:

Os primeiros movimentos negros, ainda que não nomeados como tal à época, constituíram-se em espaços de resistência, afirmação cultural e enfrentamento ao racismo estrutural. Desde as irmandades e confrarias religiosas do período colonial até os jornais e clubes das primeiras décadas republicanas, observa-se um esforço contínuo da população negra para se organizar politicamente, reivindicar respeito e redefinir seu lugar na sociedade brasileira. Esses movimentos lançaram as bases para a formação das entidades antirracistas do século XX e para o nascimento do Movimento Negro Unificado (Munanga, 2004, p. 27).

**Figura 6:** Clube Literário



A primeira sede do “Clube Literário e Recreativo 13 de Maio”, foi construída em 1921, em madeira com estuque, o telhado duas águas coberto de telhas, tinha uma porta ao meio e com janelas contíguas, com frente a rua Theodoro Rosas esquina com a rua Gal Carneiro. Neste prédio eram realizadas as festas, os bailes, os desfiles, os carnavais etc.

O período também viu o fortalecimento do samba, do candomblé e de outras expressões culturais afro-brasileiras. Essas práticas eram formas de resistência cultural e de afirmação da identidade negra. Mesmo sob a repressão e o preconceito pesado vindo das elites que achavam esses costumes "marginais" e "inferiores", o povo negro persistiu e manteve vivas suas tradições africanas por meio da música, religião e festas. Segundo Hermano Vianna (1960):

O samba que se consolidou no Rio de Janeiro nasceu nas casas e terreiros das populações negras dos subúrbios e morros, onde a experiência urbana desses grupos se transformava em música, dança e rito. Foi dessa sociabilidade negra e popular que emergiu o gênero que, mais tarde, seria convertido em símbolo nacional. (Vianna, 1960, p. 34)

O samba nos subúrbios cariocas virou uma expressão artística da vivência negra urbana, ganhando espaço aos poucos no país. O candomblé, religião cheia de raízes africanas, enfrentou a perseguição policial e religiosa, mas seguiu firmes os valores espirituais e comunitários herdados da África. Essas manifestações culturais ajudaram a fortalecer o sentimento de identidade e o orgulho racial, atuando como símbolos da luta contra o racismo e na valorização da cultura negra no Brasil (Muniz Sodré, 1998).

A imprensa negra daquela época, junto com jornais como o "Clarim da Alvorada" e o "Menelick", foi criada para dar voz à população negra, denunciar o racismo e valorizar a cultura e a identidade afro-brasileira que denunciavam o racismo e defendiam o orgulho negro. Além da mídia e dos clubes, as manifestações culturais igualmente desempenharam um papel crucial no movimento antirracista. Grupos teatrais, musicais e de dança, formados por artistas negros, colaboravam para conservar as tradições afro-brasileiras e expor a força da cultura negra na construção da identidade nacional. Tais expressões culturais agiram como uma forma de resistência simbólica contra o racismo e a luta histórica.

Intelectuais e líderes negros iniciaram a elaborar ideias que uniam educação, cidadania e igualdade racial. Apesar da ausência de uma organização política nacional, como viria a ocorrer nos anos 1930 com a Frente Negra Brasileira, as raízes do movimento negro moderno já estavam sendo levantadas. Esses movimentos iniciais foram os antecessores da luta pelos direitos civis e



e escrito por intelectuais negros como José Correia Leite e Jayme de Aguiar, o jornal surgiu em 1924 e tornou-se uma voz importante da imprensa negra.

Entre 1915 e 1930, o movimento estava a pleno vapor, preparando o terreno para lutas mais amplas nas décadas seguintes. Na década de 1920, o Club de Regatas Vasco da Gama se tornou símbolo do antirracismo no futebol brasileiro. Enquanto outros clubes cariocas proibiam a presença de jogadores negros e operários, o Vasco aceitou atletas de todas as origens sociais e raciais. O exemplo do Vasco mostrou que a resistência negra não acontecia só nos jornais e nas associações, mas também nos campos de futebol, onde o povo negro afirmava sua dignidade e talento.

### 3 A RESPOSTA HISTÓRICA

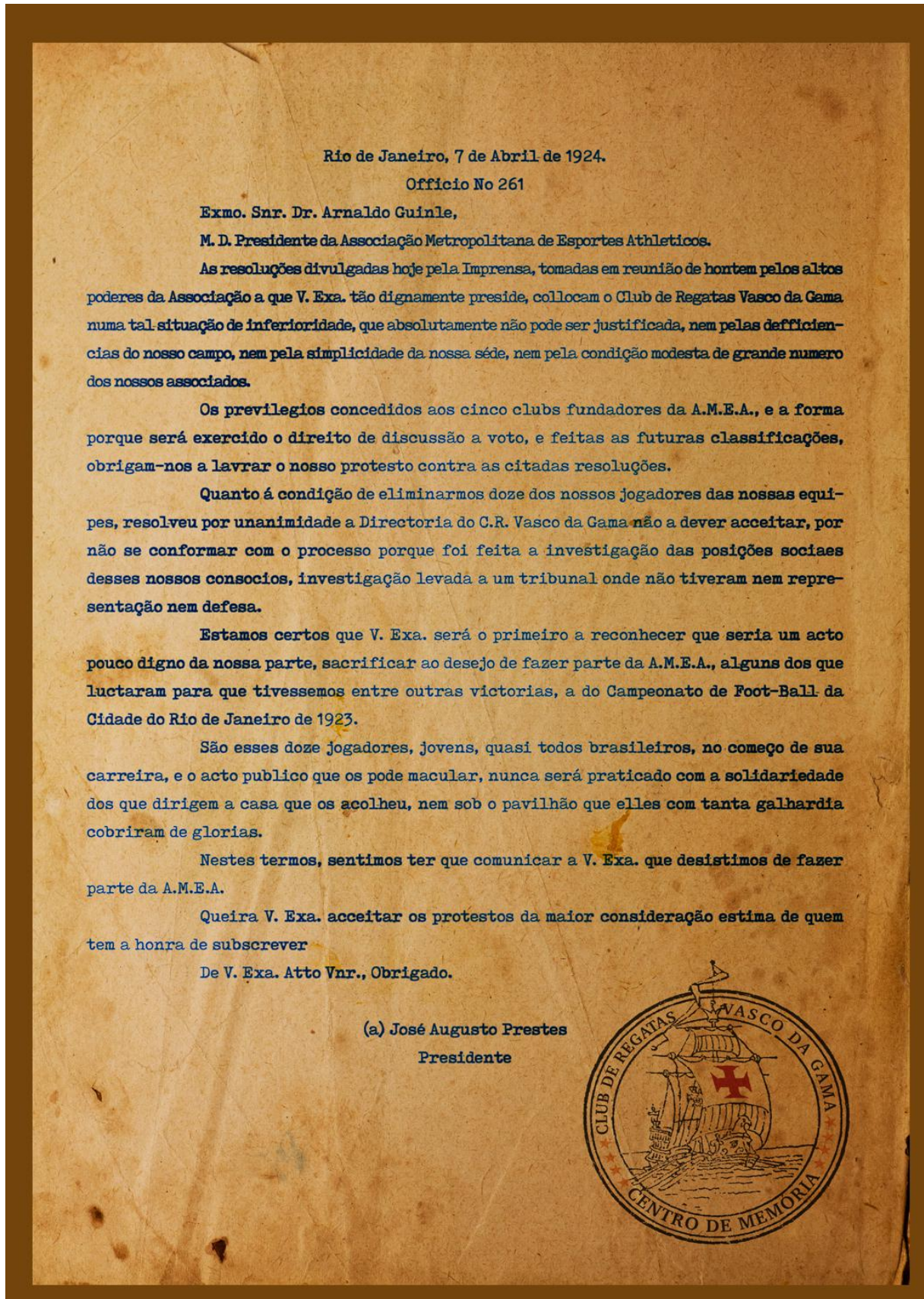
No início do Vasco no futebol foi estabelecido que seu departamento continuasse seguindo à estratégia de inclusão de atletas oriundos das classes populares. Desde o começo, o clube reconhece que os melhores jogadores do Rio de Janeiro eram pessoas de origem simples e com menos recursos. O Vasco passou a representar os interesses de segmentos sociais que anteriormente não tinham voz no cenário político, tanto no remo quanto no futebol.

Além de abranger uma linha política comum no remo e no futebol, ao analisar o que era chamado na época de amadorismo marrom (Malaia, 2010). Fica evidente que o Vasco sempre teve a intenção de se conectar com as classes populares, o clube buscou se aliar a grupos anteriormente excluídos, que começarão a se destacar e assumir papéis de grande importância na competição. O historiador João Malaia (2010) em sua tese de doutorado afirma que:

Enquanto os principais clubes da Capital defendiam um futebol elitizado, branco e amador, os diretores vascaínos introduziram em seu recém-montado time de futebol elementos das mais variadas camadas da sociedade, muitos deles mulatos e negros, e, em sua maioria, analfabetos, profissionalizando-os. Construíram aquele que chegou a ser o maior estádio de futebol da América do Sul e transformaram o clube em um dos maiores do mundo em menos de vinte anos de prática deste esporte (Malaia, 2010, p.12).

O diferencial do Vasco está na sua conexão com as camadas sociais mais populares, especialmente ao formar suas equipes de futebol. O clube criou um espaço e uma estrutura que permitiam que atletas negros e de baixa condição social tivessem as mesmas oportunidades que os homens brancos privilegiados dos grandes times, para mostrar seu talento e se tornarem protagonistas. Os grandes clubes não queriam dialogar com as camadas populares para formar suas equipes, era a época do amadorismo, e eles precisavam que os jogadores fossem sócios para participar da vida do clube. Essas instituições não queriam pessoas negras ou pobres entrando na associação e essa foi umas das principais razões que levou esses clubes a decidir se aceitariam ou não a profissionalização do futebol naquela época (Mário Filho, 2003).

Figura 8: Carta “A Resposta Histórica”



O Clube de Regatas Vasco da Gama alcançou a Primeira Divisão do futebol carioca em 1923, após ganhar o campeonato da Segunda Divisão da Liga Metropolitana de Desportos Terrestres (LMDT) em 1922. A ascensão do clube teve repercussões que foram além do esporte, envolvendo também profundas questões sociais e raciais.

Antes da fundação da Associação Metropolitana de Esportes Atléticos (AMEA), os grandes clubes tentaram fazer uma reforma na Liga Metropolitana. Nessa primeira tentativa, eles reivindicaram mudanças relacionadas à questão do amadorismo. O objetivo era criar regras mais rígidas para a entrada de novos clubes e também discutir o sistema de votação. Além disso, queriam que os clubes participassem de mais esportes, para que apenas os clubes mais desenvolvidos conseguissem manter suas equipes. Havia uma preocupação com o peso do voto, que seria influenciado pelo envolvimento dos clubes em diferentes práticas esportivas. Assim, os clubes que praticavam mais esportes teriam mais influência nas decisões. Alguns clubes menores estavam muito focados no futebol, o que dificultava uma representação mais ampla na liga.

Diferente dos times tradicionais do Rio de Janeiro, que geralmente eram compostos por jogadores brancos e pertencentes à classe alta da cidade, o Vasco montou seu time com atletas negros, operários e moradores de áreas menos favorecidas. Essa postura desafiava o elitismo que predominava no futebol carioca nas primeiras décadas do século XX. Quando o Vasco estreou na primeira divisão em 1923, ele surpreendeu o futebol brasileiro ao conquistar o campeonato carioca logo no seu primeiro ano na elite. O time era formado por 12 jogadores negros, pobres e operários. Segundo Mário Filho (2003):

Falar em futebol era falar na derrota do Vasco. Veio outra semana, o Vasco continuou a vencer, não perdeu mais até o fim do campeonato. A vitória do Flamengo tinha dado a ilusão de que tudo ia voltar a ser o que era dantes, os times de brancos levantando campeonatos, os times de pretos perdendo sempre. A ilusão durou pouco, os clubes finos, de sociedade, como se dizia, estavam diante de um fato consumado. Não se ganhava campeonato só com times de brancos. Um time de brancos, mulatos e pretos era o campeão da cidade. Contra esse time, os times de brancos não tinham podido fazer nada (Filho, 2010, p. 126).

Essa vitória causou uma revolta por parte dos clubes elitizados, que criaram novas regras e restrições de forma veladas, com o intuito de manter o futebol restrito a elites sociais e brancas, mantendo a exclusão racial e social. A conquista do Vasco provocou uma reação imediata dos líderes dessa liga elitistas. Em 1924, foi criada a Associação Metropolitana de Esportes Atléticos (AMEA), com o objetivo principal era excluir a participação de clubes que não atendiam aos padrões considerados elitistas. A criação da AMEA foi uma forma da elite reafirmar seu domínio sobre o futebol no Rio de Janeiro e manter o esporte como um espaço reservado às classes mais privilegiadas, dessa forma, exigiu que o Vasco excluísse 12 de seus principais atletas. Segundo Walmer Peres Santana (2013) em sua monografia afirma que:

Em resposta à mudança de paradigmas empreendida pelo Vasco de Nelson, os clubes grandes romperam com a LMDT e fundaram uma nova entidade, a Associação Metropolitana de Esportes Athleticos (AMEA), em 1º de março de 1924. Os clubes fundadores eram: América, Botafogo, Flamengo, Fluminense e o Bangu. Diz-no o historiador João Malaia: “[...] a nova AMEA era na verdade uma liga anti-Vasco, ou anti-qualquer tipo de associação que pudesse usar o modelo vascaíno para galgar posição maiores dentro do futebol do Rio” (Santana, 2023, p. 88).

Em resposta, o presidente do clube escreveu o ofício n.º 261 que ficou conhecido como “Resposta Histórica”. No dia 7 de abril de 1924 foi enviado um documento pelo Clube de Regatas Vasco da Gama à Associação Metropolitana de Esportes Athleticos (AMEA). O Clube optou por não aceitar a proposta, defendendo seus jogadores e denunciando o racismo e o elitismo que estavam presentes no futebol do Rio de Janeiro. Ao invés de expulsar seus atletas, o clube decidiu sair da liga, mantendo a honra do time campeão de 1923. Na carta, o presidente vascaíno José Augusto Prestes afirmou:

Quanto à condição de eliminarmos doze dos nossos jogadores das nossas equipes, resolveu por unanimidade a Diretoria do C.R. Vasco da Gama não a dever aceitar por não se conformar com o processo porque foi feita a investigação das posições sociais desses nossos consórcios, investigação levada a um tribunal onde não tiveram nem representação nem defesa (Vasco da Gama, 1924).

Segundo Bruno Pagano Monteiro (2022), ele vai analisar no seu trabalho de conclusão de curso, que no ano de 1923, o Vasco começou a montar sua estrutura para o ano seguinte, em 1924 foi o período que o time acabou saindo da liga, essa decisão tem um significado histórico que vai muito além do que apresenta. O Vasco teve um papel importante nesse momento, não só pelo esporte, mas também na luta contra o racismo e a discriminação social. A resistência ao racismo e ao antiestatismo foi uma atitude que arreventou uma série de acontecimentos, contribuindo para a profissionalização do futebol, na qual o Vasco participou ativamente, desse modo, vale analisar que:

Quando me perguntam quais são os principais troféus do Vasco, eu digo que são dois: o primeiro é a Resposta Histórica e o outro é o próprio estádio Vasco da Gama, popularmente conhecido como São Januário, pois ele é um desdobramento da carta. Um representou a determinação dos vascaínos em enfrentar os entraves elitistas. E se aceitássemos, teríamos sucumbido. E o outro, considero o segundo grande bullying contra o Vasco, com o fato de que não tínhamos estádio. E com sangue, suor e lágrimas, construímos São Januário. A mensagem que a Resposta Histórica passa é a de que foi a segunda Lei Áurea no Brasil (Braz, 2019, apud Silva, 2022, p.27).

Logo no começo da carta, o presidente do clube destacou que as decisões da AMEA colocavam o Vasco em uma posição de “inferioridade” que não tinha relação com as condições do estádio ou do clube, mas sim com critérios socioeconômicos que afetavam seus associados. Essa argumentação deixou claro que se tratava de uma discriminação disfarçada de regulamentação institucional. O ponto principal da carta era a recusa do Vasco em aceitar a eliminação dos doze atletas, reforçando seu posicionamento de defesa dos seus jogadores e contra qualquer forma de racismo ou discriminação. A diretoria, de forma unânime, acha inaceitável deixar de reconhecer os jogadores que ajudaram a conquistar o título de 1923. Aqui fica evidente o lado ético do documento: O presidente do clube defendia a dignidade do trabalhador, rejeitava qualquer ideia de exclusão e reforçava a solidariedade como um princípio fundamental da instituição, como afirmar Walmer Peres Santana:

O Clube, de forma categórica, se negou a aceitar tal medida e retornou para a Liga Metropolitana. O grande marco desse evento foi o ofício assinado pelo Presidente do Vasco, José Augusto Prestes, e encaminhado à direção da AMEA, no qual a agremiação vascaína deixava claro que não abriria mão de seus jogadores “por não se conformar com o processo porque foi feita a investigação das posições sociais desses nossos consócios, investigação levada a um tribunal onde não tiveram nem representação nem defesa”. Esse ofício ficou conhecido como a “Resposta Histórica” (Santana, 2020, p. 08).

**Figura 9:** Imagem dos campeões cariocas de 1923



Revista da semana, 01 de setembro de 1923. Acervo: Biblioteca Nacional, apud Santana, 2013, p.102.

O Vasco, mesmo enfrentando dificuldades e pressões para adequar seu time aos padrões elitistas, conseguiu resistir à exclusão e manter seu time com uma postura inclusiva. O episódio também marcou o caráter discriminatório das entidades esportivas da época, provocando debates sobre a democratização do futebol. A

carta termina com uma frase simbólica: “Nestes termos, sentimos ter que comunicar a V. Exa. que desistimos de fazer parte da A.M.E.A.” (Vasco da Gama, 1924). A criação da AMEA e a postura do Vasco representam um marco histórico do futebol carioca e brasileiro. Podem ser observados dois lados da história, a manutenção de práticas de exclusão racial e social e no outro lado a afirmação da resistência popular e o papel do esporte como espaço de mobilização social. O legado do clube permanece como símbolo da luta contra o racismo e discriminações no futebol e da importância da inclusão e da igualdade no esporte brasileiro. (PORTÃO 9 – CR Vasco da gama, 2024)<sup>3</sup>

**Figura 10:** Imagem de uma charge Vasco x clubes da série A



O Paiz, 08 de junho de 1923, apud Santana, 2013, p.116

<sup>3</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/live/t8wBpwwLVSM?si=xNGNSTH9mVWFU4sk>. Acesso em: 18 nov. 2025.

A carta destaca que a análise das "posições sociais" dos atletas era injusta, arbitrária e inconsistente com os princípios de igualdade. Ao investigar a modernização brasileira, Florestan Fernandes (1978) ressalta que a inclusão do negro na sociedade de classes se deu de forma subordinada, com instituições estabelecendo obstáculos que disfarçavam sobre tudo critérios que aparentavam ser neutros. O ofício mostra a forma que esse processo de exclusão racial foi justificado por uma "moralidade" elitista. A decisão do Vasco de recusar as restrições impostas pela AMEA simboliza um gesto excepcional e corajoso de afirmação ética.

Conforme Soares (1998) ressalta que essa atitude marcou o início de um novo paradigma no futebol brasileiro, o clube abriu mão de privilégios institucionais para preservar a dignidade de seus atletas, algo raro na época. A ideia de que excluir atletas seria um "ato pouco digno" reflete o que Mário Filho (2003) identifica como o surgimento de um "futebol do povo", onde solidariedade e mérito esportivo superaram barreiras raciais e sociais. Ao escolher abandonar a AMEA em vez de aceitar suas normas discriminatórias, o Vasco transformou a carta em uma forma de resistência política.

O Vasco valoriza muito os movimentos negros, os movimentos abolicionistas e todas as pessoas que lutam pelos direitos desses grupos. O clube tem um papel importante nessa luta histórica, especialmente no futebol do Rio de Janeiro. Com o tempo, outros times também passaram a refletir sobre essa questão e começaram a incluir jogadores das camadas populares em seus times. Essa mudança teve um impacto real na vida desses atletas, especialmente ao saírem da liga tradicional. Foi mais do que uma simples questão histórica; o Vasco sempre se posicionou firmemente contra o racismo e o preconceito social. Essa postura também foi uma forma de combater o racismo estrutural, contribuindo para acontecimentos que ajudaram a profissionalizar o futebol no Brasil. O Vasco esteve presente e atuante nesse processo de mudanças.

Quando chegar mais ou menos na década de 1930, os clubes não tiveram opção de escolha e precisaram profissionalizar seus jogadores. Vale ressaltar, que em 1928 a liga tentou frear esse crescimento da profissionalização criando uma regra que só permitia trocar de time se o jogador permanecesse pelo menos quatro anos na mesma equipe. Entre 1924 e 1933, até a profissionalização do esporte, esse movimento do Vasco foi considerado um passo importante e definitivo para o futuro do futebol brasileiro. Em 1933, essa iniciativa ajudou a tornar o futebol

profissional. O Vasco conseguiu colocar jogadores negros e de origem humilde em destaque no esporte. Além disso, o clube contribuiu para que esses jogadores melhorassem suas condições financeiras e também ajudou a criar uma admiração por eles, que passaram a ser reconhecidos de forma tímida na sociedade. O objetivo era orientar o Vasco para um caminho mais alinhado com os clubes de tradição portuguesa. Essa intenção ficará nítida na resposta oficial que o clube dará sobre o assunto. No entanto, essa resposta pode acabar cometendo um grande erro político. (PORTÃO 9 – CR Vasco da gama, 2024)<sup>4</sup>

### **3.1 Estádio de São Januário**

Os clubes das classes altas se uniram e criaram um grupo exclusivo, decidindo sobre uma nova controvérsia financeira relacionada à programação dos jogos. As equipes que não eram fundadoras teriam suas partidas aos sábados, pois a arrecadação nesse dia era bem menor, enquanto os principais clubes jogariam sempre aos domingos. Na prática, a maioria dos dirigentes do Vasco era composta por comerciantes, e muitos associados também trabalhavam no comércio, o que tornava difícil jogar aos sábados. Essa situação também fazia com que a torcida do Vasco fosse menos presente nos jogos. Assim, há um fator econômico envolvido nessa questão. O clube sentia uma pressão por causa dessa situação e buscava um novo caminho para resolver o problema.

Em 1925 o Vasco volta a participar do campeonato, isso aconteceu porque os clubes elitizados estavam analisando até onde poderiam tirar vantagem da situação. Como o Vasco tinha uma torcida forte, eles tentaram frear sua ascensão, além disso, o Vasco gerava uma receita grande, sendo o time com a maior torcida. Os dirigentes estavam principalmente preocupados com dinheiro. Ainda assim, tentaram, mais uma vez, excluir o Vasco. E o que o Vasco fez? Lutou, resistiu e se reafirmou. É quando entra em cena o Estádio de São Januário, um símbolo da luta antirracista e da resistência social. Construído com esforço do clube e de sua torcida, sem depender de recursos governamentais, São Januário é uma declaração

---

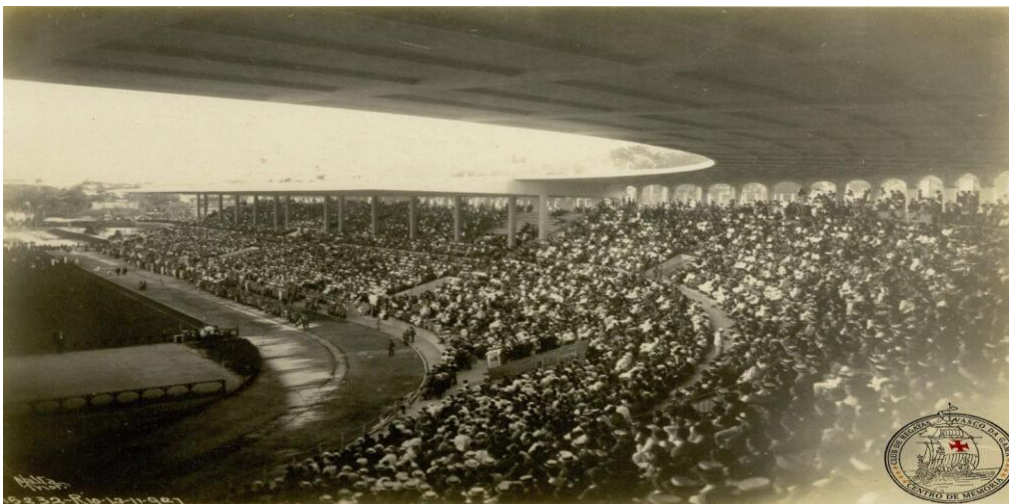
<sup>4</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/live/t8wBpwwLVSM?si=xNGNSTH9mVWFU4sk>. Acesso em: 18 nov. 2025.

de independência e coragem. Um estádio erguido para todos, representando a força do clube.

O Vasco sempre esteve à altura de sua grandeza, reafirmando sua posição mesmo quando usavam a falta de um estádio como justificativa para anular sua importância. Diziam que não poderia ser visto como um dos grandes clubes porque não tinha estádio. A resposta? Construiu não apenas um estádio, mas o maior estádio de futebol da América Latina naquela época, que se tornaria uma verdadeira fortaleza. São Januário é um dos espaços mais tradicionais e importantes do futebol brasileiro. Localizado no bairro de São Cristóvão, na zona norte do Rio de Janeiro, sua construção está diretamente ligada à ascensão do Club de Regatas Vasco da Gama e ao papel social de destaque que o clube assumiu no início do século XX.

Após vencer o Campeonato Carioca de 1923, provocou conflitos com as elites esportivas da época, o Vasco enfrentou pressões da recém-criada AMEA, que exigia alterações estruturais e a exclusão de diversos atletas. Diante dessas imposições, o clube construiu seu próprio estádio, garantindo a autonomia e adequação às novas exigências. Com isso, foi iniciada uma grande campanha de arrecadação entre sócios, torcedores e comerciantes, muita deles imigrantes portugueses e trabalhadores de origem humilde. O apoio popular foi tão expressivo que a obra foi financiada inteiramente, uma iniciativa rara para o período. As obras tiveram início em 1926, em apenas um ano, no dia 21 de abril de 1927, São Januário foi oficialmente inaugurado com uma capacidade para cerca de 50 mil pessoas.

**Figura 11:** Estádio de São Januário



Inauguração do Estádio São Januário. 21 de abril de 1927. Foto: Centro de Memória CRVG.

### **3.2 Vasco da Gama: Valores, inclusão e igualdade.**

A "Resposta Histórica" do Vasco da Gama não foi apenas um marco de resistência no esporte brasileiro, mas também um reflexo de tensões sociais mais amplas, desafiando a segregação racial e econômica no futebol e contribuindo para a formação de uma identidade nacional mais inclusiva. A recusa do Vasco em atender às exigências discriminatórias da Associação Metropolitana de Esportes Atléticos (AMEA) representou um movimento pioneiro no enfrentamento ao racismo no esporte no Brasil.

A postura do Vasco influenciou outros clubes e contribuiu para a mudança gradual das práticas de exclusão social no futebol brasileiro. Além disso, fortaleceu o papel do clube na história social do país, consolidando sua identidade popular e progressista. Essa postura corajosa não apenas mudou a cara do futebol carioca e brasileiro, mas também se tornou um marco na luta pela igualdade racial e social no país. Ao proporcionar chances a atletas de origem negra, mestiça e de classe baixa, o clube desafiou os obstáculos sociais e raciais impostos pelas elites que dominavam o esporte, especialmente nos clubes tradicionais que rejeitavam jogadores de condições menos favorecidas.

Essa atitude do Vasco gerou repercussões que vão além do esporte, afetando também as esferas sociais e políticas, dessa maneira, possibilitou que o futebol se tornasse um veículo de expressão para as classes populares, além de servir como um caminho para a ascensão e reconhecimento na sociedade. A escolha de acolher esses atletas contribuiu para a popularização do futebol no Rio de Janeiro, trazendo mudanças de um esporte elitista para uma paixão popular nacional. (Pereira, 1902-1938) considera o Vasco como um símbolo de resistência e integração, sua atuação foi crucial para modificar a dinâmica social do futebol, possibilitado que o clube se tornasse uma representação da população brasileira que eram excluídas. Veiga (2025) afirma o seguinte:

Estamos certos de que V. Exa. será o primeiro a reconhecer que seria um ato pouco digno de nossa parte sacrificar, ao desejo de filiar-se à Amea, alguns dos que lutaram para que tivéssemos, entre outras vitórias, a do campeonato de futebol da cidade do Rio de Janeiro de 1923. São 12 jogadores jovens, quase todos brasileiros, no começo de suas carreiras. Um ato público que os maculasse nunca será praticado com a solidariedade dos

que dirigem a casa que os acolheu, nem sob o pavilhão que eles com tanta galhardia cobriram de glórias. Nestes termos, sentimos ter que informar à V. Exa. que desistimos de fazer parte da Amea (Veiga, 2015, p.92).

Ao proporcionar chances a atletas de origem negra, mestiça e de classe baixa, o clube desafiou os obstáculos sociais e raciais impostos pelas elites que dominavam o esporte, especialmente nos clubes tradicionais que rejeitavam jogadores de condições menos favorecidas. Essa atitude do Vasco gerou repercussões que vão além do esporte, afetando também as esferas sociais e políticas, dessa maneira, possibilitou que o futebol se tornasse um veículo de expressão para as classes populares, além de servir como um caminho para a ascensão e reconhecimento na sociedade. A escolha de acolher esses atletas contribuiu para a popularização do futebol no Rio de Janeiro, trazendo mudanças de um esporte elitista para uma paixão popular nacional. Como destaca Santana (2021):

[...] o negro tem um papel ativo, participativo e trata-se de um dos atores de destaque da história da agremiação vascaína, seja como dirigente, atleta, sócio ou torcedor. O Vasco da Gama sempre foi um clube inclusivo que exaltou o negro, sendo pioneiro nas batalhas contra o preconceito e a favor da inclusão de todos, de forma igualitária (Santana, 2021, p. 01).

Desse modo, é válido destacar que os atletas vascaínos eram vistos pela elite e dirigente da época, como pessoas que não eram adequadas para a prática de nenhum esporte, por conta de sua origem e suas condições sociais. A agremiação tinha um objetivo que precisava ser alcançado, e só foi possível graças à participação dos “indesejáveis do remo” acolhidos pelo Vasco. Isso, por sua vez, contribuiu para que houvesse certo incômodo por parte dos poderosos da sociedade. Graças aos seus modestos e importantes atletas, o Club de Regatas Vasco da Gama conquistou o seu primeiro bicampeonato de remo no Estado do Rio de Janeiro nos anos 1905 e 1906. O Vasco alcançou uma sequência de vitórias nesse esporte e se tornou o clube mais vitorioso do remo reconhecido no país.

A iniciativa do Vasco de promover a inclusão foi muito mais do que uma simples decisão esportiva foi uma atitude política, um combate direto ao racismo e à exclusão social. Conforme explica Mario Filho em O Negro no Futebol Brasileiro

(2003), o Vasco foi um dos primeiros times a incluir jogadores negros e de classes populares, num período em que a elite branca tentava manter o futebol como um espaço só para eles. Essa atitude do Vasco ajudou a tornar o esporte mais acessível e democrático no Brasil. O clube passou a ser visto como um símbolo de resistência e de luta pela igualdade, desafiando uma sociedade que ainda carregava as marcas da escravidão e do preconceito racial. Um Brasil que ainda carregava as marcas do sistema escravocrata, o clube mostrou que o talento deve prevalecer independentemente da cor da pele ou da origem social.

O clube sempre apostou em jogadores das classes populares e apoiou causas de justiça social ao longo dos anos. A entrada de negros e pessoas pobres no Vasco da Gama foi um gesto bastante inovador, especialmente considerando que na época o país tinha uma sociedade bastante discriminatória. O clube quebrou com as regras tradicionais e ajudou a criar um novo jeito de pensar o futebol no Brasil, tornando-se um símbolo de resistência, de luta por igualdade e contra o preconceito.

Essa história continua presente na lembrança do clube e de seus torcedores, sendo frequentemente mencionada em discussões sobre racismo no esporte e em campanhas oficiais. Para os estudiosos, a carta é uma fonte primária crucial, permitindo entender as dinâmicas de poder no futebol do começo do século XX, além de expor como as práticas discriminatórias estavam enraizadas na sociedade brasileira. Mostra que já existiam formas de resistência bem antes das atuais políticas antirracistas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nos anos de 1920, o futebol no brasileiro apresentava um cenário de desigualdade, tanto social quanto racial. As equipes que eram visitadas pelas classes mais privilegiadas estabeleciam restrições à inclusão de jogadores negros, pardos e de baixa renda utilizando critérios e normas de comportamento e vestimenta para manter uma boa imagem. A atitude do Vasco em receber atletas de origens humildes representou um gesto político e uma forma de oposição ao racismo, mesmo não sendo reconhecido como uma movimentação social naquela época. O Vasco da Gama não apenas ajudou a popularizar o futebol, mas também favoreceu a superação das barreiras raciais, representando um momento fundamental na história de inclusão e representação negra no esporte brasileiro.

Essa postura do Vasco na década de 1920 pode ser interpretada como parte de um movimento mais amplo contra o racismo que embora não fosse chamado assim naquele período, mas desafiava as práticas racistas enraizadas nas instituições e na cultura esportiva. A análise sobre o Club de Regatas Vasco da Gama, entre os anos de 1915 e 1927, demonstra que a trajetória do clube ultrapassa a dimensão esportiva e se insere profundamente na história social do Brasil. Ao investigar sua atuação diante da discriminação racial e social que marcou o início do século XX, fica evidente que o Vasco desempenhou papel pioneiro e de transformação no cenário nacional, encarando estruturas de exclusão que refletiam a herança escravocrata e o elitismo presentes na sociedade brasileira do período pós-abolição da escravatura.

O elenco de jogadores profissionais do Vasco não atendia aos requisitos estabelecidos pela LMDT, nem pela AMEA que veio depois. Pelo menos, a maioria desses jogadores, que vinham dos times formados nos bairros do Rio de Janeiro, em ligas e clubes onde não havia distinção entre os atletas, não se encaixava nos clubes pertencentes às elites. Todos os jogos do Vasco contavam com uma grande torcida, o que gerava uma arrecadação muito maior do que aquela gerada antes da entrada da equipe fundada por portugueses. Conquistar os grandes clubes do Rio com esses jogadores e ter estádios sempre lotados em todos os jogos foi o resultado de um processo que começou lá em 1919, quando o Vasco montou seu time ainda na 2ª divisão, e adotou uma abordagem diferente para o futebol na cidade.

A partir da inclusão de jogadores negros, operários e de baixa renda em sua equipe, o Vasco rompeu paradigmas estabelecidos pelas ligas esportivas AMEA e pelos clubes tradicionais, que buscavam conservar o modelo segregacionista e racialmente hierarquizado. A conquista do Campeonato Carioca de 1923, com um elenco formado majoritariamente por atletas oriundos das camadas populares, expôs as tensões do Brasil, embora oficialmente livre da escravidão desde 1888, mantinha estruturas profundas de exclusão racial e de classe.

A "Resposta Histórica" de 1924 consolidou a postura do clube na luta contra o racismo e afirmação da igualdade e inclusão para todos. Ao recusar a exclusão dos 12 jogadores exigidos pela AMEA, o Vasco assumiu uma posição inédita, enfrentando diretamente a lógica discriminatória que percorria o esporte e mantinham valores de justiça e inclusão. Esse gesto não apenas marcou a história do clube, mas também contribuiu para transformar o futebol brasileiro, abrindo caminhos para a democratização do esporte e para a ascensão de atletas negros no cenário nacional.

A postura do Vasco não pode ser entendida apenas como uma decisão administrativa, mas como um ato político, fruto de seu vínculo com camadas populares e de sua identidade construída por imigrantes, trabalhadores e descendentes de portugueses. Esse estudo permite identificar que o esporte pode funcionar como forma de disputas simbólicas e sociais, capaz de reproduzir desigualdades, mas também como forma de combate as discriminações. A atuação do Vasco, durante os anos iniciais da sua formação, mostra que práticas esportivas podem se transformar em ferramentas de resistência, inclusão e construção identidade.

Compreender a trajetória do Club de Regatas Vasco da Gama nesse período ajudou a reflexão sobre o racismo no Brasil contemporâneo. As lutas do passado refletem no presente, mostrando que avanços tenham sido conquistados, ainda persiste a necessidade de enfrentamento o racismo nos estádios, nas instituições e na sociedade em geral. A história do Vasco se mantém como referência de coragem e compromisso social, reafirmando que a defesa da igualdade racial é uma tarefa coletiva, mas também formas de promover ações capazes de transformação sociais efetivas dentro e fora do cenário esportivo. Essa pesquisa sobre o Club de Regatas Vasco da Gama vai destacar a relevância não apenas como protagonista esportivo, mas como símbolo de inclusão e justiça social no país.

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:**

ALMEIDA, Silvio de. **Racismo Estrutural**. São Paulo: Editora Senac, 2019.

BRASILIENSE, Elmano. **A Hydra Descobre as Sete Cabeças**. Theatro & Sport, Rio de Janeiro, 1924.

CARVALHO, José Murilo de. **A Construção da Ordem: a elite política imperial**. 7. ed. Rio de Janeiro: Editora Campus, 2003.

CHALHOUB, Sidney. **Cidade febril: cortiços e epidemias na Corte imperial**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. P.28.

Clarim da Alvorada. **O Clarim da Alvorada: jornal da resistência**. São Paulo: fundado por Jayme de Aguiar e José Correia Leite, 1924.

**CLUB DE REGATAS VASCO DA GAMA**. Resposta histórica à Associação Metropolitana de Esportes Atléticos (AMEA), Rio de Janeiro, 7 de abril de 1924. Disponível em: <http://www.vasco.com.br>. Acesso em: 14 out. 2025.

CUNHA, Euclides da. **Os Sertões**. 2. ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1902.

FERNANDES, Florestan. **A integração do negro na sociedade de classes**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1978.

FILHO, Mário. **O negro no foot-ball brasileiro**. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1947.

FILHO, Mário. **O Negro no Futebol Brasileiro**. 5 ed. Rio de Janeiro: Editora Maud, 2003.

FREYRE, Gilberto. **Casa-Grande & Senzala: formação da família brasileira sob regime da economia patriarcal**. Edição de referência: 48. ed. São Paulo: Global, 2003.

GE. **Centenário da Resposta Histórica: como a imprensa se posicionou em 1924 sobre o ato do Vasco**. Globo Esport, 05 abril 2024. Disponível em: <https://ge.globo.com/futebol/times/vasco/noticia/2024/04/05/centenario-da-resposta-historica-como-a-imprensa-se-posicionou-em-1924-sobre-o-ato-do-vasco.gh>. Acesso em: 05 julho 2025.

GUTERMAN, Marcos. **O futebol explica o Brasil: uma história da maior expressão do país**. São Paulo: Contexto, 2009.

HOBSBAWM, Eric J. **The Age of Empire: 1875–1914**. New York: Vintage Books, 1989. p. 105-106.

LOBATO, Monteiro. **O Presidente Negro**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1926.

LOBATO, Monteiro. **Problema vital**. São Paulo, 1918.

LOPES, José Sergio Leite. **Classe, etnicidade e futebol no Brasil**. Revista Brasileira de Ciências Sociais, v. 3, n. 8, 1988.

MONTEIRO, Bruno Pagano. **Os senhores de engenho do football: a intervenção política de Russinho no processo de profissionalização do futebol (1931–1933)**. 2022. Monografia (Graduação em História) — Instituto de História, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

MUNANGA. Kabengele. **Uma Abordagem Conceitual das Noções de Raça, Racismo, Identidade e Etnia** in: BRANDÃO, André Augusto P. Programa de Educação Sobre o Negro na Sociedade Brasileira. Ed. EDUFF, Rio de Janeiro, 2004.

NASCIMENTO, Abdias do. **O Genocídio do Negro Brasileiro: processo de um racismo mascarado**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

PENA, Sérgio D. J. **Humanidade sem raças?** São Paulo: Publi Folha, 2008.

RODRIGUES, Nelson. **À Sombra das Chuteiras Imortais**. 3. Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. p. 115-126.

PORTÃO 9 – CR Vasco da Gama. (2024). Disponível: <https://www.youtube.com/live/t8wBpwwLVSM?si=xNGNSTH9mVWFU4sk>. Acesso em: 18 nov. 2025.

RODRIGUES, Raimundo Nina. **Os Africanos no Brasil**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1894.

SANTANA, Walmer Peres. **A Consolidação do Club de Regatas Vasco da Gama (1898–1906)**. 2021. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Rio de Janeiro, 2021.

SANTANA, Walmer Peres. **AS MÃOS NEGRAS DO CHAUFFEUR NELSON DA CONCEIÇÃO: FUTEBOL E RACISMO NA CIDADE DO RIO DE JANEIRO (1919-1924)** – Monografia- Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Rio de Janeiro, 2013.

SANTOS, João Manuel Casquinha Malaia. **Revolução Vascaína: a profissionalização do futebol e inserção sócio-econômica de negros e portugueses na cidade do Rio de Janeiro (1915-1934)**. 2010. Tese (Doutorado em História Econômica) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8137/tde26102010-115906>. Acesso em: 26 de agosto de 2025.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças. Cientistas, instituições e questão racial no Brasil, 1870-1930.** São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SILVA, Carlos Alberto Figueiredo da. **A linguagem racista no futebol brasileiro.** In: Anais do VI Congresso Brasileiro de História do Esporte, Lazer e Educação Física. Rio de Janeiro: Universidade Gama Filho, 1998.

SILVA, Iago Couto Passos. **Inserção do negro no futebol brasileiro: A Relevância do C. R. Vasco da Gama contra o racismo nas primeiras décadas do século XX.** 2023. Licenciatura em História. Universidade do Estado da Bahia (UNEB) Departamento de Ciências Humanas - DCH - Campus V - Santo Antônio de Jesus.

SILVA, Matheus dos Santos. **"O FUTEBOL COMO FORMA DE ASCENSÃO SOCIAL DO NEGRO NO INÍCIO DO SÉCULO XX: O RIO DE JANEIRO E O C. R. VASCO DA GAMA"**. Revista Brasileira de Futsal e Futebol, vol. 13, p. 88.

SOARES, Antônio Jorge. **Futebol, raça e nacionalidade no Brasil: releitura da história oficial.** Rio de Janeiro, 1998. Tese (Doutorado) - Universidade Gama Filho.

SODRÉ, Muniz. **O terreiro e a cidade: a forma social negro-brasileira.** Petrópolis: Vozes, 1998.

SODRÉ, Muniz. **Samba, o dono do corpo.** Rio de Janeiro: Mauad, 1998.

STEPAN, Nancy Leys. **A hora da eugenia: raça, gênero e nação na América Latina.** Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2005.

VEIGA, Mauricio de Figueiredo Corrêa da. **Temas atuais do direito desportivo.** São Paulo: Ltr, 2015.E-book.

VIANA, Hermano. **O Mistério do Samba.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, Editora UFRJ, v.4. 1960.

VIANNA, Oliveira. **Populações Meridionaes do Brasil: historia, organização, psychologia.** São Paulo: Ed. Nacional, 1920.